



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências da Saúde e da Educação – FACES

Curso de Psicologia

Os Ciberespaços e as novas formas de subjetivação

Paulo Henrique Alves Lira

Brasília
2010

Paulo Henrique Alves Lira

Os Ciberespaços e as novas formas de subjetivação

Monografia apresentada
ao Centro universitário de
Brasília como requisito
básico para a obtenção
do grau de Psicólogo da
Faculdade de Ciências da
Saúde. Professor-Orientador: José Bizerril

Brasília
2010



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências da Saúde e da Educação – FACES

Curso de Psicologia

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Dr José Bizerril

Dr. Tatiana Lionço

Dr. Ana Flávia do Amaral Madureira

A Menção Final obtida foi: SS

Brasília
2010

AGRADECIMENTO

É impossível identificarmos todas as pessoas que foram importantes para chegarmos aos nossos objetivos. Ao tentar lembrar fatos marcantes, nos deparamos com deliciosas memórias de fatos alegres e tristes cuja composição não seria a mesma, se não fossem as pessoas que visitaram a nossa existência. Tentarei de forma singela manifestar minha gratidão, às pessoas que no momento circulam por minha memória, não menos importantes agradeço, desde já, aqueles cuja minha falha memória humana não permite lembrar.

Agradeço, antes de tudo, a energia cósmica e irrepresentável, que chamamos humildemente de Deus, pela conspiração positiva da existência bem sucedida com que fui agraciado. Obrigado Senhor, por esta passagem, amo viver e admiro por demais a sua criação.

Agradeço a minha Mãe cujo conhecimento escolar não poderia fazê-la diferenciar um adjetivo de um substantivo. Mas com o saber prático e sensitivo de sua educação, possibilitou-me além de substantivar o mundo, adjetivar o amor em todas as minhas experiências. Mãe, obrigado por ter, de sua forma tão especial, me dedicado esses anos de carinho e cuidado. E por me mostrar, através de sua trajetória, que a vida está além de nossas capacidades intelectuais de representá-la.

Ao meu Pai, que sempre foi para mim, um exemplo de Homem. Honesto, trabalhador, perspicaz e dedicado a família. De seu caráter inquestionável e da serenidade que marca o seu Ser, eu retiro as coordenadas que guiam a minha vida. Obrigado por me mostrar o que é ser um Homem de verdade, amo-te muito.

Agradeço a Mariana Guedes por ter cruzado por minha existência neste momento conturbado, e oferecer-me um colo tão aconchegante. Sua presença foi no mínimo fundamental para sentir-me capaz e seguro a finalizar este trabalho. Agradeço-te também pelas correções e opiniões tão significativas.

Não posso deixar de agradecer aos meus queridos amigos, Felipe Cardoso, Mônica Tavares e família, Eríka Stabile, Fábio Xavier, Lucas Cristo, João Felipe, Maria Fátima e Daniel Wills por fazerem destes cinco de graduação, uma das fases mais belas de minha vida. Os momentos de alegria (tomar açaí, tocar violão e fazer caricaturas de conceitos teóricos de psicologia) e dificuldade (desentendimentos, trabalhos difíceis dentre outros

percalços da vida) que passamos juntos, representam muito pra mim, e sem dúvida contribuíram para que eu pudesse alcançar este objetivo.

Aos meus Mestres, queridos amigos professores, que deram um verdadeiro “show” durante a minha graduação. Vocês foram fundamentais durante estes cinco anos e são referenciais de Profissionalismo, Ética e dedicação. Em especial, agradeço a José Bizerril pelo modo gentil, genial e profissional com que me orientou durante realização deste trabalho. Obrigado, Bizerril, pela paciência e excelência do trabalho desenvolvido comigo.

Aos meus irmãos, que tanto amo e admiro: Letícia, Juliana, Nathalie, Alisson e Alexandre. Agradeço também aos familiares e amigos cujos nomes estão ocultos aqui, mas não no meu coração.

“A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”

(Vinícius de Moraes)

“Toda verdade é simples.” – Não seria isso uma dupla mentira? - ”

(Friedrich Nietzsche, 2006, p. 9)

SUMÁRIO

RESUMO.....	VI
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – SUJEITO E SUBJETIVIDADE	
1.1 O NASCIMENTO DO SUJEITO DA INTERIORIDADE.....	11
1.2 DA INTERIORIDADE PARA A EXTERIORIDADE.....	16
CAPÍTULO II – O SOCIAL NO VIRTUAL	
2.1 A ERA DA INFORMAÇÃO.....	22
2.2 TECNOLOGIA E INTERAÇÃO.....	27
2.3 REALIDADE E VIRTUALIDADE.....	29
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	
3.1 POSICIONAMENTO EPISTEMOLÓGICO.....	34
3.2 ETNOGRAFIA.....	36
3.3 ETNOGRAFIA VIRTUAL.....	37
3.4 GRUPO FOCAL.....	39
3.5 CONCILIAÇÃO DAS FERRAMENTAS DE INVESTIGAÇÃO.....	40
CAPÍTULO IV – ANÁLISES	
4.1 PROCEDIMENTOS REALIZADOS.....	42
4.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
BIBLIOGRAFIA.....	60
ANEXOS.....	63

Resumo

O mundo contemporâneo tem proporcionado transformações importantes quanto ao modo como as pessoas se relacionam consigo mesmas e com os outros, principalmente quando se trata das novas formas de relacionamento interpessoal impulsionadas pelas tecnologias de comunicação. Os computadores, celulares e outros dispositivos eletrônicos interligados a rede mundial de computadores, fornecem nos dias de hoje, uma maneira diferente de se estabelecer a convivência social, e um dos espaços que mais se destaca são as redes sociais. No Brasil, a rede social mais utilizada é o Orkut, a qual já se encontra entre uma das atividades preferidas dos internautas, tomando boa parte de seu período de conexão. A presente pesquisa visou analisar as novas formas de subjetivação encontradas nos dispositivos de relacionamento interpessoal na internet, pela utilização da etnografia virtual e da realização de grupos focais. Levanta-se dos dados as seguintes discussões: Os ambientes virtuais têm se tornando cada vez mais, um espaço de inter-relacionamentos sociais, que se caracterizam não apenas por uma continuação das relações presenciais, como uma nova maneira de relacionar-se consigo mesmo e com os outros. As formas de representação do eu, nos sites de relacionamento, parecem demonstrar um pouco da maneira como se constituem as subjetividades na atualidade, e o movimento de externalização deste eu que em outrora necessitava de um deslocamento contrário. As relações virtuais, mesmo acontecendo em outra dimensão espaço-temporal parecem refletir de forma coerente as dinâmicas sociais da pós-modernidade, já que esta tecnologia é oriunda do processo histórico do qual estamos inseridos.

Palavras chave: Redes Sociais, Subjetividade, Era da Informação, Cibercultura, Sites de relacionamento.

As mudanças ocorridas nos meios tecnológicos da informação produzem nos dias atuais reformulações constantes, quanto à forma de produção econômica, cultural, social, pessoal e interpessoal. Tais mudanças são provenientes de fatos históricos bem demarcados em nossa cultura. A reorganização geopolítica e econômica a partir do fim da Guerra Fria em concomitância aos avanços tecnológicos promoveu uma revolução quanto ao sentido de territorialidade. A noção de territorialidade é tratada em termos de um construto social, modificável e condizente com período que o define (CASTELLS, 2005).

Os meios virtuais de comunicação passaram, nas últimas décadas a ter um amplo alcance na vida cotidiana. Os sites, e-mails, chats, fórum de debates possibilitaram um espaço social de interações virtuais jamais imaginadas em sociedades “pré-web”. O termo “Web” proveniente da língua inglesa, que significa “teia” expressa muito bem à proposta que é a rede mundial de computadores, a internet. Uma quantidade extraordinária de computadores interligados entre os mais variados países. Organizados a partir de sítios (sites), que servem como pontos de intersecção para uma rede maior que é a grande teia (web) denominada internet. A criação da internet possibilitou um alcance gigantesco da comunicação humana, isso através da interligação de computadores numa mesma rede de contato. Certamente não foi apenas a internet que surgiu neste contexto, outras formas de tecnologia também ditam a rotina do homem contemporâneo. Todavia, devido aos modos de apropriação e uso social, a internet é a representante principal dessas novas formas de interações interpessoais no mundo atual.

Diante dessas novas formas de inter-relação e da apropriação dos espaços virtuais, pode-se questionar qual o impacto dessa nova forma de ser e estar no mundo. Quais diferenças existem entre o que podemos chamar de vida off-line e on-line ou mundo analógico e digital? Se é que se pode distingui-las.

A velocidade com que a internet e seus derivados ganharam espaço é surpreendente, até no que diz respeito à aceitação social. É sutil o modo com que a internet está alterando os comportamentos humanos, e tal fenômeno não está claro e nem objetivo. Estas mudanças são muito recentes e parecem estar além de análises criteriosas do processo histórico-cultural envolvido. Caberia, por exemplo, imaginarmos o surgimento de um “eu digital”? E em que nível tal processo está compondo a organização individual e coletiva em seu sentido subjetivo?

A identidade, em seu sentido sócio-histórico, é compreendida como conjunto de elementos culturais, individuais e históricos que perpassam os sujeitos, e correspondem às referenciais para o modo de ser e estar no mundo (Hall, 2006). A noção de eu está ligada ao lócus ocupado socialmente, pois este lugar exige um desdobramento bem demarcado e esperado em coletividade. As normas de conduta, valores, ética e moral, por exemplo, só fazem sentido quando entendidas dentro de um contexto de coletividade. Portanto a noção de *eu* não surge no vácuo, sendo assim função de uma relação entre o indivíduo e seu meio social. É dentro desta concepção de eu, que se pode visualizar a internet como produtora de espaços que estarão definindo as faces identitárias. A sensação de pertencimento em comunidades e sítios virtuais pode ser em alguma medida, uma maneira de subjetivação do mundo virtual. Não estariam surgindo novas ideias e práticas acerca desse eu? Até por que o próprio entendimento de eu no mundo moderno tem uma origem histórica bem definida, como pretendo discutir por ocasião nesta pesquisa.

É neste cenário de novidades interativas que a cultura passa a ganhar outras formas de delimitação e organização, que não a regionalização dos padrões étnicos de comportamento. A interligação entre computadores do mundo inteiro produz, por conseguinte um efeito de interlocução entre as culturas, já que o acesso a informação não se limita ao território geográfico e simbólico dos sujeitos, como era nos séculos anteriores. A internet através da ampliação do mundo simbólico acaba por aumentar os referenciais identitários dos indivíduos, de tal forma que a construção do “eu” seja mais fluida (BAUMAN, 2007).

Na sociedade brasileira, como na maioria dos países ao redor do globo, a internet tem mobilizado uma grande quantidade de pessoas a estabelecerem formas variadas de utilização dos ciberespaços. O Brasil, em janeiro de 2006, já contava com de 72,91% do montante de 13.250,000 usuários cadastrados no Orkut; site de relacionamento, ganhado em quantidade percentual até de países como Estados Unidos, os quais possuíam uma fatia de 10,59% (Telles, 2006). Orkut é apenas mais um, na grande quantidade de sites encontrados nos ciberespaços, mas representa muito bem estatisticamente a dimensão da aceitação da internet como meio de comunicação e interação.

As mudanças promovidas pela revolução da comunicação têm afetado muitos aspectos da vida cotidiana, como a produção e propagação do conhecimento, a manutenção das normas

e valores culturais, a reformulação da legislação para normatização dos espaços virtuais, a redefinição dos espaços dos sujeitos, dentre outros aspectos. Discute-se hoje o alcance das ações dos atores sociais através dos ciberespaços. Na psicologia, como em outros campos profissionais, podemos indagar sobre as possibilidades de atuação profissional por meio da web, como por exemplo, a proposta de atendimento psicoterapêutico online (por meio da internet). Pergunto-me: que sujeitos se encontram nesse espaço, onde o recorte identitário é uma possibilidade no encontro virtual, tanto para quem busca o serviço como para quem o oferece? Desafios como esses justificam a pertinência e o alinhamento desta proposta aos temas de pesquisa da atualidade.

Enfim, nesse turbulento cenário de transformações, começam a surgir questões quanto à propagação da internet, seus ciberespaços e as conseqüências para a vida em sociedade. As demandas da sociedade contemporânea exigem, do saber científico um posicionamento quanto a este fenômeno.

A proposta de investigação levantada por esta pesquisa procura neste cenário, o lugar ocupado pelos indivíduos, no que se refere à noção de eu, vez que neste mundo ambivalente de referenciais incertos, a própria concepção de si, parece extrapolar a unidade básica de identidade que é o corpo; o aparato físico. Pois os ciberespaços permitem novas formas de se representar como sujeito, que não apenas a modalidade física de contato social (LE BRETON, 2008). Diante dessa concepção histórico cultural de sujeito, buscam-se os elementos simbólicos, que no mundo atual dão âncora à produção de sentido para os sujeitos, sejam eles significantes físicos ou virtuais.

O estudo foi dividido em quatro capítulos, cada qual, com assuntos pertinentes a melhor compreensão do tema. Os dois primeiros capítulos são dedicados a explanação histórica da noção de sujeito e do surgimento de tecnologias da informação. E os dois últimos referem-se à construção metodologia de investigação e aos dados levantados e analisados pela pesquisa.

O capítulo Um faz uma breve discussão do surgimento do sujeito da subjetividade, ou seja, da compreensão dos sujeitos como organização individual e idiossincrática, a partir da Modernidade. Analisando também, o movimento atual de exteriorização da intimidade e as transformações sociais em relação à noção de eu.

O capítulo Dois procura fazer um levantamento histórico das condições sociais para o surgimento das novas tecnologias da informação. Além de promover uma discussão quanto às peculiaridades dos ciberespaços e as interferências na vida cotidiana das pessoas.

O capítulo Três propõe uma argumentação quanto à posição metodológica da pesquisa, e explica de forma geral os instrumentos metodológicos optados e o modo como serão utilizados no estudo: Etnografia Virtual e Grupo Focal. Ao final é desenvolvida uma proposta para a conciliação dos instrumentos e sua aplicabilidade para a pesquisa.

O Capítulo Quatro apresenta de forma analisada os dados coletados e os procedimentos realizados. Nesta seção são desenvolvidos comentários e análises críticas a partir de relatos e vivências dos sujeitos observados, tanto dos indivíduos participantes dos grupos focais quanto dos sujeitos observados em comunidades virtuais.

CAPÍTULO I – O SUJEITO E SUBJETIVIDADE

Nascimento do Sujeito da Interioridade

Falar em subjetividade no mundo contemporâneo é algo comum, apesar dos variados sentidos empregados ao termo. E entende-lo como singularidade humana é uma coisa que se faz cotidianamente. Todavia, esta compreensão que se tem do eu singular como um valor, isto é, do indivíduo, não é uma prática que sempre acompanhou a humanidade, é na verdade, originada de um processo histórico de construção dessa forma de se compreender a subjetividade, ao longo da modernidade.

A noção de sujeito singular, não tem se demonstrado algo constante no decorrer da história, apresenta-se de maneira distinta, a depender do período e lugar de onde se analisa. Por isso, o cuidado para não se naturalizar o conceito de sujeito, subtendendo que todas as constituições individuais se organizam através da intimidade. A constituição de um sujeito orientado pela intimidade é uma característica do sujeito moderno, situado no ocidente, oriundo de um processo histórico específico (SIBILIA, 2008).

A subjetividade entendida a partir do privado, segundo Figueiredo (2007), teve início junto ao despertar da modernidade. Se caracterizando por um movimento cultural de grande dimensão na Europa do século XVI, e demarcado por fatos históricos muito relevantes para a mudança da compreensão dos sujeitos. O surgimento da imprensa, como mesmo sustenta Phillip Ariés (1991 apud FIGUEIREDO, 2007), culminando na difusão da leitura e conhecimento, e principalmente o surgimento da leitura silenciosa, onde o espaço de intimidade começa a se constituir. A reforma protestante concomitante ao esfacelamento do regime feudal e a emancipação da burguesia como classe dominante, vão modelando paulatinamente o espaço cultural da modernidade.

Esse momento de transição da era medieval para a renascença e modernidade foi marcado por uma crise do sujeito, já que, este deixa de estar sob a segurança e domínio da igreja e do senhoril e passa a encontrar na experiência do espaço privado, uma possibilidade de autonomia, todavia, de responsabilidade e incertezas. O slogan da modernidade é a liberdade, e a proposta de possibilidades infinitas, o homem passa a ser o centro do universo, e o indivíduo ganha um valor, até então, nunca experienciado (FIGUEIREDO, 2007).

A mudança na forma como o sujeito se relacionava consigo mesmo, a partir da supervalorização do homem e do contato com o espaço individual, foi dando origem à subjetividade privada, característica do sujeito moderno. Sujeito esse, que no século XVI, acreditava ser capaz de compreender o mundo através da razão e da capacidade sensitiva, sem necessitar de intermédio de uma entidade qualquer (FIGUEIREDO, 2007). A própria compreensão da religiosidade teve de ganhar uma nova dimensão, já que o controle inquestionável não poderia ter o mesmo efeito, por isso a reforma protestante foi muito importante na orientação espiritual, pois aproximou o sujeito de Deus, retirando a intermediação sagrada dos seus moldes convencionais. O homem, em sua magnitude e semelhança com Deus, poderia sem o auxílio de outrem, entrar em contato com a sua espiritualidade. A igreja tradicional, diante dessas transformações, teve de reestruturar e encontrar outros mecanismos de poder na sociedade. E nesse momento, aos poucos, vão se constituindo os mecanismos de poder e controle, os quais tiveram marca indelével, por sua interferência na vida dos sujeitos, talvez até mais que no regime feudal.

A própria concepção da loucura nasce desse processo histórico de interiorização dos sujeitos. A ideia de uma subjetividade orientada para dentro, vai se tornando o grande projeto da modernidade. A organização social, através da estruturação racional do Estado, origina a noção de sociabilidade, que entende a vida social como um encontro entre subjetividades privadas, portanto levando em conta, que os sujeitos, para serem aptos a vida em coletividade, devem seguir uma orientação racional, a qual só pode se torna realidade por um sujeito que pensa, e pensando, existe em sua singularidade (BIRMAN, 2003). O “cogito ergo sum” (penso, logo existo) de Descartes é a premissa básica da modernidade, o indivíduo só pode dizer que existe, quando pensa sobre o seu próprio pensar. Sendo assim, o sujeito, para Descartes, nasce do exercício da razão, que busca através dela, a prova de sua existência.

A valorização da racionalidade e da singularidade, iniciada por Descartes, configurou o modo de compreender a existência humana, o sujeito da sociabilidade guiado pela racionalidade, é o mesmo que cabe dentro da vida em grupo. Todos que não funcionam nessa mesma configuração, devem ser readaptados a essa realidade ou excluídos, para o bom funcionamento social (BIRMAN, 2003).

A loucura torna-se a grande doença da modernidade, pois passa a assumir um papel social, organizando a vida em coletividade. A estratégia para se diferenciar o sujeito louco, do não louco, é o nível com o qual ele está dentro ou fora-de-si. Fora-de-si, refere-se aos

indivíduos que estão aquém dos padrões de funcionamento do indivíduo moderno, quer dizer, não se organizam pela experiência privada, se comportam de maneira não convencional e possuem outras formas de expressar a realidade. Já o estar dentro de si, é caracterizado pelo indivíduo que se enxerga como unidade, e a reconhece a sua singularidade por meio da introspecção e do exercício da razão. De início o entendimento da loucura se dava pela razão e desrazão, o sujeito dentro de si, estaria preparado para o exercício da cidadania, pois possuía a capacidade universal de abstração da verdade, a razão. O sujeito fora-de-si, não sendo capaz de usar a razão, estaria sob o efeito de um erro de razão, como mesmo sustentaria Kant um século mais tarde, estaria num estado de demência irreparável (BIRMAN, 2003).

No século XIX, com o surgimento do chamado tratamento moral, e início da institucionalização da loucura com figuras como Phillippe Pinel, considerado um dos precursores da Psiquiatria, desenvolve-se a visão de alienação e desalienação mental. A concepção de readaptação do sujeito louco, através de técnicas alienistas, passa a modificar o entendimento da denominada demência ou loucura. Este estado, a loucura, passa a ser compreendido como um processo de desalienação, no qual o sujeito vai perdendo capacidade de organização privada (BIRMAN, 2003).

O discurso principal da psiquiatria é o de que a loucura tem cura, podendo ser tratada por meios racionais, através da reeducação moral dos sujeitos considerados desorganizados em seu espaço individual. Esta prática social exemplifica uma visão da época, no que se refere à noção de demência ou loucura. E mais ainda no que diz respeito ao sujeito padrão, que teoricamente deveria se organizar dentro de uma condição organizada individual e racionalmente.

O próprio filósofo Hegel, pouco tempo após Kant, discutindo o processo de intersubjetividade, tentou encontrar, justamente na proposta “alienista” de reabilitação dos indivíduos loucos, a prova empírica para a sua explicação ontológica do ser. Para Hegel, a racionalidade surgiria da dialética, sujeito e objeto, onde a constante confrontação entre a interioridade e exterioridade resultaria na subjetividade. Por isso, o indivíduo voltado para fora-de-si poderia reencontrar a sua organização privada pela racionalidade, e na contraposição entre o mundo externo e interno (BIRMAN, 2003).

Independentemente de seus postulados e teorias, Kant e Hegel partiram de um mesmo ângulo de compreensão do sujeito, o sujeito dentro e fora de si. A marca da modernidade é

esse sujeito organizado em sua subjetividade privada, ou seja, do sujeito dentro de si, a qual foi se naturalizando na cultura ocidental.

Os leprosários e posteriormente manicômios, como sustenta Foucault (1978) em seu célebre “História da Loucura”, demonstra com muita pertinência, o modo como a subjetividade privada era valorizada, servindo também de instrumento de controle e coerção. Tais instituições, voltadas ao tratamento da loucura, surgiram do intuito de possibilitar, a manutenção das subjetividades privadas, de modo que toda forma não padronizada de ser, dentro de si, não pudesse se sustentar. A subjetividade privada foi o modo mais funcional que a cultura encontrou para se desenvolver como sociedade, dentro dos parâmetros da modernidade, se teve ou não êxito, vai depender do ponto de vista. O que se pode dizer é que a concepção de sujeito moderno se enraizou profundamente na cultura ocidental, a ponto de torná-la quase uma visão comum e natural.

A experiência da intimidade, só pôde se torna viável, após um logo processo histórico de desenvolvimento. Quando se fala da mudança na compreensão do que chamamos de sujeito, deve-se pensar numa transformação gradativa, a qual levou séculos para se modelar. Como já afirmado, o desenvolvimento da leitura silenciosa é um marco para a experiência intrasubjetiva, tal que no século XVI, uma onda de escritores começaram a produzir obras com um enredo voltado a experiências particulares, e personagens que distinguiam sua singularidade das demais, valorizando cada personagem em sua idiossincrasia (FIGUEIREDO, 2007).

Um dos primeiros escritores a explorar a narrativa auto-biográfica, é Montaigne, um filósofo francês que passou a utilizar o discurso em primeira pessoa para falar de sua experiência e ideias. Este modo de escrita teve um impacto grande, na forma como outros escritores passaram a criar seus textos, e principalmente no modo como as pessoas começaram a se perceber como sujeitos. Montaigne iniciou uma prática que passaria a ser muito comum, nos séculos posteriores, a escrita voltada para si (BIRMAN, 2003).

Autores contemporâneos a Montaigne, como Shakespeare e Erasmo, também conseguiram transparecer em suas obras, o antropocentrismo da sociedade da época. Demonstraram o modo como as subjetividades estavam se configurando, e não apenas contribuíram para a difusão do sujeito moderno através de suas obras, como também denunciaram o espírito intelectual vigente. Montaigne e Erasmo, como precursores de uma

leitura reflexiva e voltada a leitura individualizada. E o dramaturgo, Shakespeare com a criação de personagens dotados de singularidade, como na obra “Hamlet”, que representava ao público a possibilidade de identificação dos personagens através de suas características singulares.

O falar de si é uma prática que provocou fortes mudanças na concepção de homem, mas isso só pôde se tornar realidade, devido ao todo clima intelectual e cultural das Eras renascentistas. O antropocentrismo e a ciência moderna são dois movimentos importantes para que isso ocorresse.

O enaltecimento da experiência humana, e principalmente da singularidade, possibilitou uma valorização do eu. Um eu imbuído de qualidade existencial, material e espiritual, que por ter dimensão subjetiva grandiosa, não poderia escapar a valorização de sua idiossincrasia. No movimento racionalista a partir de Descartes, o exercício da razão, através da introspecção, ou seja, da experiência mediada, do eu consigo mesmo, era o que possibilitava a razão pura, a verdade universal (BIRMAN,2003). Kant mesmo, influenciado pelo racionalismo, já discutia a efetividade das máximas produzidas, por meio da racionalidade particular, a qual defende o filósofo, ser a única maneira de se chegar à verdade universal; a verdade só é verdade para alguém, e a razão é o caminho para uma consensualidade intersubjetiva.

Segundo Peter Haidu (2006), em *O sujeito medieval/moderno*, o sujeito moderno não nasce da noite para o dia, é resultado de transformações sociais desde os tempos medievais. Portanto a separação estanque que se costuma fazer, da era medieval para moderna, é uma ingenuidade histórica, já que o mundo moderno é apenas uma continuação da era medieval. O autor afirma que desde o século XII as práticas textuais se direcionavam para a constituição desse sujeito, dito, moderno. O que o autor defende ser fundamental para a emancipação desse sujeito da interioridade, são as práticas textuais em evidência na cultura e na organização do Estado através de sua estrutura política. Assim sendo, as práticas textuais oferecem os instrumentos para as pessoas se pensarem como sujeito, e a organização do Estado definem as suas diretrizes, portanto, disponibilizando aos sujeitos em sociedade as regras de conduta e os limites de suas ações.

Da Interioridade para a Exterioridade

Na história da concepção do sujeito moderno, o individualismo passa a ganhar um valor jamais visto na história. As formas de cultivo da experiência privada foram, no decorrer dos séculos, se aprimorando e permitindo o enaltecimento do eu. Desta prática de construção de si, o próprio sujeito passa a ser agente propulsor de sua existência, se tornando um artista, que lapida a vida como se fosse uma obra de arte. A existência deixa de ser uma causalidade do destino, para se torna uma construção existencial, da qual o sujeito é o principal realizador (SIBILIA, 2008).

A prática textual, sendo, uma das principais ferramentas simbólicas para a representação deste eu, como sustenta Haidu (2006), contribui para a constituição de um eu voltado para a interioridade. A experiência da leitura e as formas literárias de narração possibilitaram na história do sujeito moderno a noção de eu interior, o qual deve ser lapidado e sedimentado para se obter uma vida de sucesso. Como o pensamento é a prova existencial do eu, e a maneira única de se chegar à verdade. A “estética da existência” se faria pelo aprimoramento do pensamento, ou seja, pelo refinamento das capacidades cognitivas e intelectuais.

No decorrer da modernidade, as práticas textuais não foram lineares e constantes, ocorreram pelo menos duas revoluções. E a terceira começa a acontecer na contemporaneidade. A primeira aconteceu com surgimento da imprensa e a possibilidade da leitura silenciosa, onde o sujeito entra em contato direto com a informação e começa a produzir as próprias impressões sobre o mundo. A segunda ocorreu quando à prática da leitura deixa de se concentrar exclusivamente em documentos antigos e textos clássicos e passa a se tornar diversificada e menos densa. Na atualidade vive-se a terceira revolução da leitura no mundo ocidental. A comunicação mediada por computadores conectados à internet é uma realidade que extrapola a configuração das subjetividades privadas dos séculos anteriores. (SIBILIA, 2008)

A forma com que os textos são construídos interfere diretamente no modo como as pessoas compreendem a si mesmas, já que o eu é derivado de uma construção lingüística, ainda que não exclusivamente. A utilização da primeira pessoa do singular para a produção literária é que possibilitou o que hoje se pode chamar de eu sujeito, pois forneceu um instrumental lingüístico capaz de dar voz ao sujeito singular(SIBILIA, 2008). Por isso, a

valorização da singularidade nos textos literários, despertou um interesse pelo particular e pessoal, o que torna, desde então, cada existência digna de valorização.

Com a emancipação do sujeito moderno, o indivíduo como tal, passa a se orientar por meio deste eu, que é o sujeito da narração, construída pelo próprio indivíduo, através da linguagem. Esse eu, que no mundo contemporâneo parece auto-evidente e natural, é fruto de uma construção histórica, que flui em função das mudanças culturais e sociais.

Pode-se observar atualmente, uma nova forma de organização e construção de si, um sujeito da subjetividade privada que não mais se limita a auto-construção introspectiva. As novas formas de comunicação mediadas por computador estão transformando o modo como a construção subjetiva ocorre. A intimidade restrita aos próprios limites do particular e do confidencial começa a ganhar outro papel, o que antes era fundamental para a compreensão de si, passar a exercer função contrária. (SIBILIA, 2008)

Os sites de relacionamentos, os blogs e o compartilhamento de vídeos amadores representam uma nova forma de organização do espaço pessoal e social. As novas maneiras de relacionamento interpessoal são muito diferentes das formas de subjetivação encontradas nos séculos anteriores. As cartas, diários e os romances fictícios representavam um modo de delimitação do espaço pessoal, através da manutenção da intimidade. Romances e contos heróicos eram como descrições de vidas extraordinárias. A leitura de textos como estes, era realizada apenas nos lugares de intimidade, onde a pessoa cultivava a sua privacidade e experimentava o encontro do eu consigo mesmo. Tais narrações atuavam como modelos de experiência, para a prática da vida, gerando ideais de eu (SIBILIA, 2008).

Um movimento contrário a manutenção da subjetividade privada, tem sido observado no dias atuais, uma nova forma de utilização da privacidade. O que antes possuía uma distinção bem definida, no que se refere ao espaço público e privado, hoje ganha uma dinâmica diferente. Os limites entre o privado e o público não mais atuam como forma de organização pessoal. A cada dia a intimidade parece se inverter, de uma interioridade para a exterioridade. A privacidade não se configura mais como a forma de constituição do eu, a subjetividade parece voltar-se cada vez mais para o público, como uma obrigatoriedade para a sua constatação e legitimação social (SIBILIA, 2008).

Segundo Birman (2003), o indivíduo normativo, na contemporaneidade, passa de um estado dentro-de-si para fora-de-si, justamente o inverso da função desempenhada no passado.

Este sujeito ainda se constitui pelo autocentramento, mas sem o uso da interioridade. O sujeito passar a exercer uma nova forma de relacionamento social, deixando de se orientar pela intimidade e pela interioridade para se compreender pelo eu da performance. O que tem sido mais valorizado, no mundo contemporâneo, é o corpo performático; aquele que legitima sua existência pelo modo como se apresenta ao outro. Emana dos modelos de sujeito, na sociedade do consumo, a forma exteriorizada de manutenção do eu.

As trocas afetivas não mais exercem função organizadora para os sujeitos, pois as relações e as condutas estão exclusivamente a favor do próprio eu. O narcisismo exacerbado sobrepõe a relação com o outro, e o encontro intersubjetivo é substituído pelas relações da aparência e performance; o ser se confunde com o parecer. A falta de encontros intersubjetivos que propiciem a distinção do eu, para com os demais, empobrecem a subjetividade, tornando-a vazia e refém do narcisismo demasiado, que faz da vida uma experiência solitária (RIOS, 2008).

É no encontro com o outro que o eu se constrói, através de um processo de alteridade, no qual o indivíduo se diferencia do objeto pelo constante confronto entre a interioridade e exterioridade. Para a psicanálise o eu precisa estar sempre estabelecendo uma relação de troca com o outro, para que sua configuração subjetiva se mantenha organizada (RIOS, 2008).

A “cultura do narcisismo”, que está se difundindo na contemporaneidade, é propulsora de uma lógica de funcionamento social que volta o sujeito exclusivamente para si, de modo que as relações intersubjetivas vão perdendo o seu valor. O sujeito da atualidade está cada vez mais distante do sujeito da clínica psicanalítica tradicional, pois na clínica este sujeito era conduzido a um constante enfraquecimento do narcisismo, levado a entrar em contato com as relações interpessoais que interferem em sua organização subjetiva. E no modo de relacionar-se, na atualidade, o outro se torna apenas instrumento para a promoção do eu, que deve estar sempre em evidência (BIRMAN, 2003).

Apesar do aparente empobrecimento das relações interpessoais e do surgimento de várias novas psicopatologias, associadas à dinâmica da vida atual, não se pode dizer que as novas formas de subjetivação estão prejudicando a vida humana. Como se pode observar na história da concepção do sujeito moderno, o conceito de sujeito é fluido e se modifica de acordo com as transformações sociais. Por isso, a única coisa que se pode dizer é que a noção de pessoa centrada no eu da intimidade está se modificando para um eu da exterioridade.

Pode-se indagar que tipo de impacto esse movimento da organização pela intimidade para o da “extimidade” reflete nas configurações subjetivas da atualidade? Mais especificamente nos meios atuais de comunicação, onde os indivíduos têm usado a intimidade às avessas. Observa-se um interesse cada vez maior pela vida cotidiana e banal, onde os protagonistas deixam de ser as figuras extraordinárias, entrando em cena o sujeito comum. Encontra-se com bastante facilidade na mídia, personalidades anônimas com bastante popularidade, pessoas comuns que se tornaram conhecidas por alguma forma de exposição pessoal. Os sites de relacionamento e diários virtuais estão transbordando de informações íntimas a respeito de pessoas comuns, pessoas que estão encontrando através da exposição do eu uma nova maneira de relação com o outro (SIBILIA, 2008).

A internet é um expoente significativo da contemporaneidade, e atua como uma das novas formas de subjetivação na cultura. Apesar da maior parcela da população não possuir computadores para o acesso a internet, este meio de comunicação é uma ferramenta bem difundida e representa uma nova forma de interação social. E as plataformas de relacionamento ganham a cada dia mais adeptos.

Empresas como: Google, Yahoo, Microsoft cresceram significativamente na última década, justamente devido ao desenvolvimento em grande escala, de formas de relacionamento virtual, as quais obtiveram grande sucesso.

No ano de 2006, o Grupo Google, faturou em 12 meses 5,2 bilhões de dólares, maximizando seu potencial de lucro com a integração do site de relacionamento, Orkut, ao sistema Google Accounts. O sistema gera um banco de dados com informações demográficas, preferências pessoais e informações do convívio social que são usadas para a elaboração de estratégias publicitárias que são vendidas a empresas de todo o mundo (TELLES, 2006)

Estas empresas bilionárias são financiadas pela venda de propaganda e informações a respeito do consumidor, a criação de sites que aproximam virtualmente as pessoas não é mera benevolência de empresas que querem ajudar as pessoas. É perceptível quanto esta atividade tem se tornado lucrativa.

Mas a pergunta que não quer calar-se: estas ferramentas que possibilitam a “extimação” dos sujeitos são derivados de uma transformação sócio-cultural que possibilitou indivíduos voltados para si e preocupados com a auto-imagem? Ou estas novas formas de configuração são imposições do mercado de consumo e midiático que encontrou na

interatividade da internet uma maneira mais velada de controle social e econômico? Ou tais possibilidades se constituem mutuamente?

Caberia a retomada do discurso marxista, argumentando que a norma é derivada dos meios de produção, e de que as novas formas de subjetivação disponíveis na sociedade são estratégias de marketing para manutenção da sociedade de consumo? De fato, estas são reflexões importantes, para analisarmos os discursos ocultos nestes novos espaços sociais.

Independentemente dos criadores dos dispositivos de controle e normatização social, e dos interesses econômicos por de trás destes sistemas. Observa-se uma aceitação social crescente destas novas formas de subjetivação.

A publicidade parece ter se tornado uma estratégia útil não apenas para a venda de produtos, mas para a promoção dos sujeitos, pois o marketing pessoal se tornou a forma de legitimação dos sujeitos. Tal maneira de promover-se socialmente, usando a imagem e a performance como critérios de avaliação, parece se adequar ao modo de funcionamento denunciado por Debord em seu ilustre livro: *A sociedade do espetáculo*, onde o autor, através de aforismos, critica a exaltação da aparência midiática e a superficialidade das relações humanas derivada do consumismo. Como podemos observar na passagem:

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos - , o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha... (DEBORD, 1968/1997, p. 14)

Os modos de relação interpessoal estabelecidos virtualmente são demonstrativos dessa dinâmica social, as relações são derivadas do contato entre representações digitais de um eu que não necessariamente, possui similaridade ou fidedignidade com o eu real. São simulacros da vida real, ornamentados com toda a parafernália que estes espaços tecnológicos disponibilizam (sons, imagens, animações e filmes), com o objetivo principal de exaltação do eu, impulsionado pelo individualismo exacerbado difundido na cultura.

Apesar de toda a crítica que se pode levantar em relação a essa nova dinâmica, não se deve subestimar ou superestimar o seu poder de transformação. Pois as mudanças culturais não acontecem de modo isolado e estanque num determinado período, elas são oriundas de um processo dialético constante entre indivíduo e sociedade. Além disso, as novas formas de

subjetivação alinhavadas pelas tecnologias da informação são fruto de um complexo desenvolvimento histórico ocorrido no século XX, que deve ser analisado para uma compreensão mais ampla acerca do fenômeno.

CAPÍTULO II – O SOCIAL NO VIRTUAL

A Era da Informação

As últimas décadas têm refletido mudanças significativas para as sociedades em todo o globo, principalmente nas sociedades ocidentais. As transformações geopolíticas e tecnológicas foram os principais motivos para o surgimento da sociedade em rede, sociedade esta que se organiza a partir de blocos econômicos e se impulsiona para o rompimento da noção de territorialidade que se tinha no decorrer do século XX, tudo isso incrementado pelas novas formas de tecnologia da informação (CASTELLS, 2005).

Para se falar de tecnologia da informação e do modo como este utensílio tem favorecido uma revolução na forma de relação interpessoal, se faz necessário uma explanação histórica das condições para o seu surgimento. Não é a toa que a internet hoje alcançou dimensões gigantescas em todo mundo e atua na difusão de uma nova lógica de funcionamento da comunicação interpessoal.

Para Castells (2005), as formas de tecnologia disponíveis fornecem condições para mudanças culturais significativas para a vida das pessoas, todavia tais instrumentos tecnológicos não se propagam numa sociedade sem o apoio ou atenção do Estado. A China, por exemplo, possuía no século XIV, um aparato tecnológico suficiente para promoção de um fenômeno similar ao da revolução industrial, ocorrida na Europa no século XVIII. O que não ocorreu, justamente devido à interferência do Estado que não achou mais interessante investir em tecnologia. Além de não se desenvolver tecnologicamente quando possuía condições, ainda se atrasou em relação a outros países que engatinhavam em invenções tecnológicas. Para além das condições sócio-culturais no desenvolvimento de tecnologias, o Estado, possui um peso na sua difusão e desenvolvimento.

Se analisarmos o século XX, principalmente os acontecimentos históricos a partir da década de 40, observaremos que algumas das tecnologias existentes nasceram para um propósito bem específico, como no caso do computador. Não os computadores pessoais, mas as máquinas de inteligência concentradas nas unidades militares norte-americanas, baseadas nas idéias de Babbage, inventor da calculadora. Após a Segunda Guerra Mundial e o início do período entendido como Guerra Fria, onde as duas potências mundiais, na figura de EUA e URSS competiam como sistemas políticos. A tecnologia computacional ganhou impulso significativo, já que representava o avanço do poder bélico. Nos Estados Unidos, o Exército e

entidades como MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussts) apressaram o desenvolvimento de tecnologias computacionais, o que mais tarde foi fundamental para o interesse de empresas, na produção de computadores pessoais e sua comercialização (CARVALHO, 2000).

O MIT e outros centros de pesquisa em todo o mundo contribuíram bastante para o desenvolvimento de ferramentas de interatividade, isso é para a aproximação máquina e homem. No início, apenas engenheiros e técnicos em informática possuíam conhecimento para o manuseio de computadores, o que dificultava a utilização de computadores por cidadãos não técnicos. Pesquisas interessadas em interatividade tornaram possível a aproximação da linguagem computacional da linguagem humana comum. O desenvolvimento de interfaces como o teclado, mouse e ambientes computacionais simplificados é o que possibilitou que empresas como a Apple e IBM tornassem o computador um eletrodoméstico popularizado (CARVALHO, 2000).

O surgimento da tecnologia computacional não foi o único fator para a revolução da comunicação, houve outros acontecimentos importantes para que isso tenha se tornado uma realidade. A queda do sistema socialista e as novas estratégias de reorganização econômica a partir de blocos econômicos, pode promover um processo, denominado globalização, que mudou de um jeito significativo a noção de territorialidade (CASTELLS, 2005).

Praticamente ao mesmo tempo em que surge um novo modelo econômico, baseado em blocos econômicos, nasce à rede mundial de computadores, a qual parece casar perfeitamente com o conceito de globalização. Uma rede gigantesca de computadores de todo o mundo, interconectados por meio de sítios ou áreas de interesse comum. O que antes dificilmente fora imaginado, torna-se uma realidade, a possibilidade de se ultrapassar as fronteiras territoriais e tornar algumas culturas mais difusas, como é o caso da cultura de massa norte-americana e seu idioma.

Diante desta visão de globalização, várias perguntas já foram lançadas, ainda mais no que se refere às conseqüências destas transformações. Segundo Bauman (2007), estas mudanças têm reconstituído o modo de ser e estar no mundo, e um dos principais impactos se refere às construções identitárias. Os referenciais ideológicos não mais exercem uma influência tão predominante na conduta dos sujeitos, já que as informações e os referenciais

são fluidos e dinâmicos, e estão a todo o momento se modificando. Assim como a fluidez dos sistemas sociais, tornam-se líquidas as identidades e seus desdobramentos na cultura.

A velocidade com que as mudanças são promovidas na sociedade contemporânea, não possibilita a solidificação de modos de ser, o que promove uma insatisfação constante e uma busca incessante por novas maneiras de se viver, na sua grande maioria, incitadas pelo consumismo. O que se observa na atualidade é uma capacidade generalizada de despreendimento, tudo o que se pode torna tradição é desvalorizado, pois se acredita que o envolvimento aprofundado, dificulta a funcionalidade de uma vida descomprometida e fluida. A lógica de consumo, a qual faz dos produtos mercantis, objetos de desejos provisórios, os quais devem ser substituídos constantemente, parece ter se transferido para o modo como as pessoas se relacionam consigo mesmo e com os outros (BAUMAN, 2007).

Bauman (2007) denomina este momento histórico como “modernidade líquida” e a modo de funcionamento dessa sociedade é traduzido na “vida líquida”. Um modo de funcionamento, que para Bauman, empobrece a vida na sociedade contemporânea, a começar pela identidade cultural com a qual as pessoas estabelecem relações. Segundo o autor, o “lixo” é emblema desta cultura, que valoriza o movimento por ele mesmo. Mal se termina de construir algo, já se o descarta, considerando impróprio, desatualizado, démodé; vive-se um constante reinício, onde o importante não é construir, mas estar sempre reconstruindo. As relações instantâneas e a fragilidade dos referenciais são exemplo do modo fluido e caótico com que as coisas se mantêm em coletividade. Além de tornar insustentáveis as identidades fixas, portanto os referenciais culturais dos indivíduos, ainda contribuem para o assujeitamento e exclusão dos indivíduos que não acompanham a sociedade do instantâneo ou que não possuem condição para isso. Este modo de funcionamento, apesar de difundido na cultura, permite que apenas uma pequena parcela da sociedade consiga explorar os luxos da modernidade líquida.

Duas condutas antes fundamentais para a constituição da subjetividade, a introspecção e retrospectiva, são, hoje, pouco reconhecidas e estão caminhando para extinção. A retrospectiva representando a valorização da história, as experiências passadas do indivíduo. E a introspecção que seria o cultivo da interioridade, a construção constante da subjetividade. Abordagens como a Psicanálise Clássica, que buscam na história do sujeito experiências importantes para organização psíquica, estão perdendo espaço para alternativas mais imediatas. A regra atua é viver um presente contínuo, não se prendendo ao passado ou

esperando um futuro, tudo está ligado ao aqui e agora (SIBILIA, 2008). A historicidade, antes considerada um legado, parece não ter mais poder explicativo para os sujeitos. A *Hermenêutica do sujeito*¹ não se faz mais pelo resgate do passado, e tudo que é considerado passado denota decadência, inclusive a tendência de se guiar pelos valores coletivos ou pela conduta obsoleta dos mártires do passado.

A sociedade atual representa um contraste em relação à sociedade disciplinar da era Industrial, descrita por Michael Foucault (2004). A norma, sendo ela, norteadora das ações dos atores sociais, sempre esteve atrelada aos mecanismos de controle e poder, se camuflando nas entrelinhas dos discursos moralistas. Os quais para faziam do Direito o preceito básico para a constituição dos valores dos sujeitos.

Na atualidade, a norma parece originar de outra fonte, que não mais da coletividade, pelo menos no que diz respeito à construção das máximas pessoais, ou seja, dos valores pessoais. Sobressaltam na contemporaneidade, os valores individualistas e o narcisismo exacerbado, no qual, o senso de coletividade é banido e desconfigurado, e substituído exclusivamente pelos interesses individuais. A forma com a qual a sociedade disciplinar organizava os seus sujeitos, não mais se aplica na atualidade.

Estariam agora, as relações estabelecidas pela disputa “primitiva” de poder, onde cada indivíduo disputa a “ferro e punho” a sua fatia, sem as máscaras que compunham os discursos moralistas das décadas anteriores? Ou será que ao invés disso, a “máquina social” se sofisticou e junto com ela os dispositivos de poder, onde a ilusão da auto-suficiência se transformou no mecanismo mais sutil de controle e coerção?

A maneira como, os discursos e as instituições estão dispostas na sociedade, faz pensar e questionar o modo como as subjetividades estão se configurando. Por isso, um tema que tem sido altamente discutido, é a questão da Identidade pessoal, a qual se sabe ter sido altamente importante para a formação do conceito de sujeito moderno. Mais especificamente os referenciais identitários, que representavam um arcabouço simbólico e contextual, com os quais os sujeitos atribuíam sentido as suas experiências inter e intrapessoais.

A identidade só passa a ser uma questão, quando se põe em cheque o seu valor, como bem convém ao atual momento da sociedade da globalização. A modernidade tardia ou pós-

¹ Termo utilizado por Foucault (2004) em seu livro “A Hermenêutica do Sujeito”, referido aqui como “cuidado de si”.

moderna tem atuado nas bases da organização dos sujeitos, pois tem descentrado e fragmentado as identidades culturais, através enfraquecimento dos referenciais culturais que possibilitavam a noção de comunidade e de sujeito (HALL, 2006).

Antes de se discutir o desdobramento da Identidade Cultural na sociedade se faz necessário analisarmos conceitualmente o termo. O sentido atribuído a identidade, denota uma classe ampla para elementos culturais, com as quais os sujeitos constroem sentidos para suas experiências.

A vida em sociedade possibilita aos indivíduos um trânsito entre os mais variados espaços, os quais demarcam os limites de suas ações. As roupas, os lugares, os vocabulários, os pares e estilos são aspectos palpáveis desses níveis de atuação, de modo que sinalizam elementos culturais produzidos historicamente, como: as hierarquias sociais, os sistemas ideológicos, crenças e padrões de comportamentos. O modo de organização e os elementos culturais que constituem os indivíduos como atores sociais, possibilitam também diferenciá-los e torná-los sujeitos singulares. Não apenas reproduzindo papéis, mas se distinguindo enquanto sujeito e atuando na produção de sentidos e significados para a promoção de um eu (WOODWARD, 2007).

A noção de identidade, aqui compreendida, refere-se a um processo de construção de significado cuja origem se dá a partir de atributos culturais inter-relacionados. Como exemplo destes elementos culturais pode-se citar os papéis sociais, os quais orientam as ações dos indivíduos dentro de um grupo e em contextos variados. Tais papéis são desenvolvidos e desempenhados pelos atores sociais, a partir de uma negociação entre os indivíduos e as instituições ou organizações, como: a igreja, a justiça, a família, o trabalho, a comunidade dentre outros espaços. Todavia, a identidade não é apenas o conjunto de papéis desempenhados, mas a gama de significados advindos do contato interpessoal num processo de individuação constante (CASTELLS, 1999).

Para Stuart Hall (2006), a identidade nacional, é uma das dimensões identitárias que orientam os sujeitos, por sua vez uma das referências mais significativas no estabelecimento do sujeito sociológico ou moderno. Para o autor, já que a identidade nacional é um dos principais alvos de esfacelamento na pós-modernidade, as bases sociais que constituíam o sujeito moderno, estão se fragmentando. O sentido antes atribuído a comunidade e a

nacionalidade está se modificando, e enfraquecendo as instituições que sustentavam o organismo social, em consequência a própria noção de pessoa.

Toda essa discussão em torno da crise da identidade na pós-modernidade, com autores como Bauman e Hall, exemplifica a preocupação dos vários teóricos das ciências humanas em relação a transformações culturais ocorridas nos últimos anos. E a internet, sendo ela um dos semblantes da dinâmica do mundo atual, fornece uma amostra útil para análise destes novos espaços de subjetivação.

Tecnologia e Interação

Em 1969 foi criada, pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos EUA, a primeira rede de computadores, denominada ARPANET. Este sistema de redes foi uma estratégia militar para a proteção das informações de comunicação militar, a qual visou através de um sistema de rede de milhares computadores, camuflar o trânsito de informações militares. Após anos de pesquisa na ARPA e em outras tantas instituições de pesquisa nos EUA e no mundo, passa a estar disponível no mundo uma nova forma de comunicação mediada por computadores. No ano de 1990, um aplicativo desenvolvido na Europa, a teia (web) mundial (world wide web - WWW), tornou acessível a todo o globo a rede mundial de computadores (CASTELLS, 2005).

A partir do surgimento da internet e dos dispositivos de interação, as possibilidades de comunicação interpessoal e de massa ganham uma nova dimensão. Os e-mails, os sites de pesquisa, informação, entretenimento, relacionamento, entre outras mídias sociais, são exemplos dessa ampliação das formas de relacionamento interpessoal.

O computador pessoal (PC), principal ferramenta deste novo modo de experienciar as relações, desde sua concepção, gerou questionamentos fundamentais para a noção de pessoa. Este tipo de tecnologia representou uma nova forma de relação entre o homem e máquina, pois podem promover uma discussão sobre a origem dos fenômenos psicológicos, considerados atributos específicos da espécie humana. O computador, evolução da máquina de calcular, passou a demonstrar uma qualidade tipicamente humana, a inteligência lógica. Tal comportamento pode diferentemente do comportamento racional humano, ser explicado com bastante precisão por matemáticos. Fato este que fez do computador, uma máquina de nível superior, considerada com nível de inteligência próxima de um humano (TURKLE, 1989).

A analogia da programação computacional ao funcionamento cognitivo não é o único fator que aproxima sujeito e máquina. As novas interfaces produzem um verdadeiro diálogo entre homem e máquina, onde a seleção de ícones e símbolos, através de mouses e teclados, produz respostas e comportamentos digitais imediatos, como numa interação humana comum. Segundo Sherry Turkle (1989) a utilização de computadores é uma atividade que promove uma constante flexão do que é ser humano. Esta experiência, hoje cada vez mais difundida na cultura, causa uma resignificação da noção de eu, onde o eu pode ir além de um corpo biológico.

Várias metáforas computacionais fornecem hoje, até mesmo nos meios acadêmicos, explicações sobre o funcionamento psíquico dos sujeitos. Baseados em teorias computacionais, abordagens da Psicologia Cognitiva explicam o funcionamento mental. Esquemas mentais, processamento de informações através de input e output são exemplos da utilização da linguagem computacionais em modelos explicativos do ser. Em geral, são teorias, fundamentadas numa visão dualista do ser, as quais incorporaram a linguagem computacional e neurobiológica. E dentro deste modelo ontológico, propõe uma comparação entre o hardware/software e o corpo/mente, onde a mente (software), sendo ela imaterial, seria um epifenómeno produzido pelo cérebro (hardware) (TEIXEIRA, 2003).

Este exemplo da apropriação da linguagem computacional elucida bem o modo como o computador promoveu um impacto na cultura contemporânea, de modo que a própria ciência, saber legitimado socialmente, passou a produzir discursos que tornam o computador e as novas tecnologias de inteligência artificial algo mais, que meros utensílios tecnológicos.

Não menos importante, a internet ditou as novas formas de uso destas tecnologias recém chegadas. Se antes da web os computadores provocaram uma reviravolta na compreensão dos sujeitos, após o nascimento da rede mundial de computadores, passaram a se tornar veículos de transformações sociais em todo o mundo.

Não superestimando as transformações sociais, a partir da internet e dos computadores, e nem deixando de contextualizar os fatos históricos que contribuíram para o seu surgimento, observa-se uma relação direta entre tecnologia e momento cultural. O que para Castells (2008), não é uma relação de dependência, mas de proporcionalidade:

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica...Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade

não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas. (CASTELLS, 2008, p. 43)

Por isso, as *mídias sociais*², sendo elas ferramentas tecnológicas da cultura contemporânea, podem fornecer dados relevantes sobre o modo de funcionamento social, da dita Era da Informação, a qual é a fonte de informações do autor, para descrever a *Sociedade em Redes*.

Mais especificamente no que se refere à noção de pessoa, encontramos nestas tecnologias de comunicação um novo espaço de subjetivação, o qual está entrelaçado aos novos modos de ser e estar na contemporaneidade. Não é necessariamente a internet que propicia os referenciais identitários da atualidade, mas é nela que a cultura encontra uma forma de manifestar o seu funcionamento.

Realidade e Virtualidade

Na Era da digitalização e dos ciberespaços, tem se tornado cada vez mais difícil discernir entre realidade e virtualidade. A imaterialidade dos ciberespaços, e a similaridade destes, com a vida cotidiana têm estabelecido uma falta de parâmetros para se saber até onde vai o virtual. As interfaces computacionais e as ferramentas de interatividade têm feito da experiência cibernética uma extensão da vida comum, aumentando a correspondência entre realidade física e virtual.

O virtual tem sido entendido, como uma realidade a parte, na qual a imaterialidade estabelece uma inexistência vital; uma irrealidade. Entretanto, a virtualidade não pode ser confundida como uma falta total de existência, já que a virtualidade é uma possibilidade existencial. Em sua origem etiológica, o virtual significa força ou potencialidade, o que contribui para uma “otimização” da realidade. Portanto, o virtual é uma realidade em potencial, que não se concretizou, mas abrange possibilidades futuras. O virtual não se opõe a realidade, mas a atualidade, já que a realidade não se limita a concretização imediata (LÉVY, 1996)

A qualidade do virtual está na sua capacidade de atualizar a realidade, já que é uma “projeção” da mesma. O virtual exerce o seu sentido a partir de uma função lógica, instaurando a realidade dentro de uma dimensão espaço-temporal diferente da realidade concreta e atual. O virtual também não pode ser entendido como possível, já que o possível é

² O Termo refere-se ao uso do meio eletrônico para interação entre pessoas

da ordem de uma concretude futura, ou seja, uma determinação natural que se relaciona com um a existência concreta.

A virtualização é um processo de resolução de problema, uma atualização de um contexto. Como numa Empresa virtual, onde não é determinado um espaço físico e a presença física dos funcionários. A relação entre as pessoas e o espaço de trabalho é estabelecida por uma equação matemática, uma programação computacional, que busca constantemente a solução de variados problemas, por isso a virtualização tem grande relação com a atualização, pois é uma construção simbólica para a simulação de uma situação (LÉVY, 1996).

Além da relação paradoxal com tempo, a virtualidade e a dinâmica da vida contemporânea têm promovido um distanciamento do corpo físico das experiências concretas e atuais. Algumas experiências não mais necessitam de uma exposição corpórea aos fatos. As tecnologias de virtualização fornecem condições para a diminuição do contato físico, como é o caso das redes sociais, onde os indivíduos interagem uns com os outros sem a necessidade da presença física.

Contudo, isto não é uma particularidade dos ciberespaços, em muitos aspectos da vida cotidiana, o uso de máquinas está diminuindo a utilização do corpo biológico. Os carros, elevadores, esteiras e escada rolante são exemplo deste processo de desutilização do corpo humano. Segundo Le Breton (2008), nas sociedades ocidentais o corpo tem perdido cada vez mais o seu sentido referencial, não mais exercendo a função de “centro irradiante da existência” (LE BRETON, 2008, p.21). Os corpos biológicos são desvalorizados, em detrimento do arsenal tecnológico produzido, pelas ciências afins (Engenharia, Neurociências e etc.) com a proposta de atualização da vida humana. Todavia podemos nos perguntar se essa modificação da relação com o próprio corpo, não estaria alterando por consequência a própria condição humana? Portanto estaria surgindo uma nova constituição “tecno-orgânica”, a qual se diferencia qualitativamente da organização substancial humana?

As próteses, nano-robôs e cibercorpos, são promessas para uma vida prolongada, já que o corpo biológico em sua limitação e fragilidade não oferece a garantia de uma longa existência, ainda mais em uma cultura orientada pelo prazer desmedido e sem controle, de um consumismo desvairado. Para Le Breton (2008) o corpo não fornece mais sentido para o homem contemporâneo, passando a ser um mero instrumento de personalização. O que

justifica a alteração e manutenção constante da aparência, sem que isso represente um sentido existencial.

Os ciberespaços representam uma diminuição do contato físico do corpo com o ambiente, já que produzem um universo representacional substancialmente diferente, onde tudo acontece como uma simulação digital da vida. O corpo deixa de ser o centro das experiências, e o ponto de intersecção entre o externo e o interno, não mais exercendo a função organizadora das experiências. Nessa valorização da racionalidade e virtualidade, a experiência humana tem se tornado uma existência contemplativa, em que o mundo mental é referenciado e sobreposto a condição física.

Além de uma relação empobrecida com o próprio corpo, as relações interpessoais se estabelecem numa dimensão sócio-afetiva de contemplação imaginária do outro, onde as relações se constituem a partir de imagens vista na tela de um monitor. Tais modos de subjetivação se assemelham, cada vez mais, com as palavras proféticas de Debord (1997, p.14): *“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”*

Por mais redundante que a colocação se ponha, a virtualização parece potencializar as artimanhas da “Sociedade do Espetáculo” denunciada por Debord (1997), há décadas a traz. Por fornecer um grande arsenal para manipulação da imagem pessoal, sem exigir uma correspondência significativa com a realidade existencial, esse modo de relação contribui para a manutenção de uma sociedade organizada pela superficialidade da imagem, substituindo o ser pelo parecer. A valorização da performance está diretamente relacionada a lógica consumista de uso e descarte constante de tudo o que se pode produzir. O que torna as construções identitárias fluidas e dinâmicas, em correspondência com as tendências do mercado, justamente o oposto das identidades fixas e contínuas do passado.

O mundo virtual apresenta uma nova metáfora para a vida humana, uma rede simbólica totalmente diferente das já realizadas, onde o digital³ confunde-se com o analógico⁴. A justaposição de duas circunstâncias substancialmente antagônicas, a virtual e o concreto, entrelaçados pelas possibilidades tecnológicas.

³ O termo refere-se às experiências em espaços exclusivamente virtuais.

⁴ Ao contrário do digital, o termo é utilizado para se referir as experiências da realidade concreta e material.

As imagens projetadas no ecrã dos computadores da sociedade contemporânea são conforme apresenta Turkle (1997), uma nova realidade para a vida humana. Uma diversidade de simulações do cotidiano cujo elo não é mais o corpo e sim uma máquina interativa de fácil manipulação. Um mundo totalmente digital tem sido construído nestas plataformas virtuais, em sobreposição as dimensões espaço-temporais da realidade concreta, e junto com ela tem se resignificado a noção de eu. Nestes novos espaços de interatividade e convivência se pode fazer de tudo, desde um bate-papo descontraído com amigos até a construção de mundos fictícios ao gosto do internauta.

Na década de 80 esta autora já discutia o poder transformador que máquinas como o computador possuíam na compreensão do sujeito. Discutindo neste período o nascimento de um “Segundo Eu”, baseado na metáfora computacional. Quase dez anos mais tarde, Turkle trouxe à tona uma discussão ainda mais polêmica, o surgimento de uma cultura emergente, advinda dos meios digitais de interação. Esta Psicóloga pesquisadora do MIT tem estudado há anos este comportamento social, principalmente no que se refere aos MUDs (Multi-User Domains); ambientes virtuais no qual se é um personagem que interage e convive com várias pessoas de todo o mundo, em um espaço totalmente virtual, podendo modificar a si mesmo ou o ambiente conforme a vontade, sem precisar se limitar a um corpo ou uma personalidade fixa ou as leis da física.

Já se foi o tempo em que a internet representava apenas uma ferramenta de facilitação da comunicação. Hoje as plataformas virtuais exercem uma influência prática na vida cotidiana, como na economia, artes, entretenimento, negócios, relacionamentos entre outros. E um de seus principais impactos refere-se ao modo como passamos a nos enxergar. O espaço virtual é um laboratório para a experimentação de identidades ou personalidades, sem com isso exigir uma consequência social.

Além de ilimitado e multifacetado, o eu, nos espaços virtuais, não carregam as marcas indeléveis das identidades dos sujeitos modernos. O sujeito, no mundo digital pode exercer os mais variados papéis ao mesmo tempo, e construir sua identidade conforme o seu bel prazer. O que se pergunta é, se estas experiências desmedidas e sem limites dos MUDs, não estariam transformando por consequência as identidades da realidade concreta? Para a audaciosa autora do livro *A Vida no Ecrã*, Sherry Turkle, as identidades compreendidas a partir da internet e do computador se configuram de acordo com o movimento da sociedade da pós-modernidade, na qual as identidades estão se fragmentado e se convertendo em identidades múltiplas que se

adéquam a contextos variados, sem um centro unificador, que um dia chamamos de eu ou identidade.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA

Posicionamento Epistemológico

Esta pesquisa será guiada por uma perspectiva qualitativa de investigação, de modo que seu foco estará entrelaçado à produção de sentido, oriunda do contato do pesquisador com o campo de exploração e objeto de pesquisa.

O viés qualitativo deste estudo é entendido a partir de uma visão epistemológica, compreendendo a perspectiva qualitativa não apenas como um instrumental de investigação, mas como estratégia de investigação e construção de conhecimento, a qual surtirá efeito desde a coleta de dados até as interpretações e análises conclusivas. Procura-se, com isso, a explanação e problematização do tema investigado, sem fechar as possibilidades futuras de discussão e investigação.

A abordagem hermenêutica ou qualitativa, conforme Gondim (2003), se diferencia da visão nomotética ou quantitativa, já que, no que se refere aos estudos antropológicos, esta primeira se baseia numa concepção participacionista, na qual o pesquisador, sendo ele também, um participante da cultura não pode eximir-se do estudo, reconhecendo, portanto, o seu papel e sua intervenção no estudo. Diferentemente da visão nomotética, o caráter participacionista tem um valor metodológico, pois assumindo a sua participação e interferência no campo de exploração, o pesquisador poderá trabalhar de forma mais consciente esta participação, e inclusive usando em favor do estudo a sua percepção, por meio de análises pessoais. Em ciências sociais, a utilização da pesquisa nomotética com a pretensão de alcançar a realidade através do isolamento pesquisador-objeto é por vezes criticado. A característica principal e que justifica a pesquisa nomotética é a criação de leis gerais, ou seja, a tentativa de universalização, o que para a pesquisa qualitativa está fora de cogitação. A pesquisa, segundo a concepção qualitativa, deve ter um caráter hermenêutico, capaz de produzir alguma informação passível de interpretação e sentido. Não chegando a teorias herméticas e conclusivas a cerca do mundo, já que toda investigação se restringe apenas a um ângulo do problema em questão (GONDIM, 2003).

O compromisso da pesquisa qualitativa refere-se à produção de espaços de sentido, na qual a informação originada na pesquisa ganha função hermenêutica, capaz de favorecer interpretações acerca do objeto de estudo e ampliar a compreensão do fenômeno.

Segundo González Rey (2005) o termo pesquisa qualitativa tem sido utilizado para nomear procedimentos metodológicos em pesquisa, sendo usado de forma descomprometida com a sua natureza epistemológica, de forma que a utilização do termo tem servido apenas como uma forma de descrever técnicas e instrumentos de investigação. O autor entende que a concepção qualitativa deve ser compreendida pelo seu sentido epistemológico, em que o papel qualitativo está comprometido com o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento.

Para isso, González Rey (2005) propõe uma Epistemologia Qualitativa, que é definido como uma proposta de produção de conhecimento, embasada no caráter construtivo-interpretativo, uma tentativa de posicionamento teórico distinto da visão de ciência tradicional e positivista. O Positivismo e o Relativismo radical são duas posições antagônicas, que possuem em comum uma visão universalista, fato criticado dentro do conceito de Epistemologia Qualitativa. Esta posição teórica busca o valor científico dos pequenos espaços de inteligibilidade, contidos no encontro da subjetividade do pesquisador com o campo de investigação e as informações sintetizadas para futuras análises.

Os espaços de inteligibilidade produzidos pela investigação qualitativa são denominados zonas de sentido, conceito utilizado para desenvolver o processo de produção de sentido nas experiências subjetivas. Todo modo de produção de conhecimento, possivelmente fornece uma zona de sentido, ou seja, uma teia de significados que dá coerência e organização para as informações produzidas. A zona de sentido produzida não é compreendida como padrões de informação e sentido universal, pelo contrário, são interpretações e construções particulares de conhecimento, portanto entendido sempre a partir de uma configuração subjetiva específica. Uma mesma informação pode ganhar sentido e inteligibilidade diferente para pessoas diferentes. Por isso, atrelado a noção de epistemologia qualitativa de Gonzales Rey, está a compreensão de subjetividade, a qual se constitui de forma idiossincrática na história do sujeito.

Como a perspectiva qualitativa não busca a produção nomotética de conhecimento, o papel da singularidade é valorizado. Nesta lógica de investigação, a legitimação do conhecimento produzido não está na quantidade de sujeitos investigados, mas na capacidade de produzir zonas de sentidos, sendo assim, um estudo com um único sujeito é capaz de sintetizar informação significativa e de valor científico, já que uma única amostra da realidade possui complexidade suficiente para uma construção-interpretativa. Pois o teor construtivo de uma investigação não está na sua capacidade de generalização ou sua correspondência de

linearidade com a realidade, mas nas possibilidades de sentido que esta pode gerar de sua complexidade (GONZÁLEZ REY, 2005).

O acesso ao real, subtendido na ciência positivista e sua tentativa atórica de construção é questionável e criticado, pois para qualquer realidade, não se pode deixar de levar em conta o *locus* o qual a informação é concebida. Pois, sendo a racionalidade apenas mais um estratégia de zona de sentido, nela se faz necessário uma ideia sistematizada, ou seja, uma teoria, e disso não se escapa, nem mesmo em pesquisa quantitativa. O real não é uma instância acessível a sistematização atórica, para constataremos o que chamamos de realidade consensual, recorreremos a todo um mundo de sentido e significado encontrado em nossa cultura de origem, logo a realidade é fluida e corresponde a configuração subjetiva de quem a analisa. Dentro dessa visão epistemológica é que se entende o papel participacionista do pesquisador, pois por fazer parte da constituição de todo o contexto do qual o fenômeno é analisado, e por se encontrar dentro do organismo vivo e complexo que é seu campo de investigação, é ele um dos elementos fundamentais da pesquisa.

Etnografia

Enleado a posição epistemológica de investigação qualitativa, esta pesquisa contará com o suporte metodológico da etnografia, um caminho investigativo bastante rico e muito utilizado em estudos antropológicos. Bizerril (2004) caracteriza a etnografia pelo contato estreito e cotidiano do pesquisador com o grupo estudado, por um tempo suficiente para a aproximação, além de contar com registros, observações, participação ativa, conversas, entrevistas entre outros. A eficiência do procedimento é decorrente da capacidade do etnógrafo de conseguir se aproximar e se envolver com o grupo estudado, de modo que consiga alguma representação científica da constituição do grupo.

A qualidade da matéria-prima da etnografia se relaciona ao modo como o etnógrafo desenvolve espaços de relacionamento e proximidade dentro do grupo, além do distanciamento cultural e da representação simbólica que produz. A atividade etnográfica não deve ser resumida a observação e comparação cultural, esta visão colonial já deveria estar superada. Acredito que o trabalho etnográfico deve se desenvolver numa zona intermediária entre o pensar intracultural e extracultural, procurando estabelecer informações que caracterize o grupo, sem sujeitá-lo a alguma forma de etnocentrismo ou banalização.

Bizerril (2004) defende que ao imbuir-se de sua posição subjetiva na pesquisa e considerar sua proximidade relacional com o grupo, o etnógrafo pode manter-se, em conformidade com a práxis científica, quando consegue preservar o trabalho etnográfico dentro dos parâmetros de cientificidade. O autor define como empatia, fazendo uso da mesma conotação do termo no campo da Psicologia, a relação de vinculação do etnógrafo com o grupo estudado. De uma forma ou de outra, o envolver-se em um grupo, produz representações simbólicas para o etnógrafo, e isso pode, segundo o autor, ser usado na etnografia, sem comprometimento metodológico algum.

A análise conceitual é outro ponto essencial para a qualidade da etnografia, é muito sutil o modo com que descrições conceituais interferem no trabalho. Ryle (1968, apud GEERTZ, 1989), conceitualiza duas formas de descrição: a superficial e a densa. A descrição superficial é compreendida como uma forma empobrecida de caracterizar uma ação, é o comportamento por ele mesmo, geralmente não leva em conta o contexto no qual o comportamento acontece. A descrição densa tende a buscar relações entre o contexto em que um termo ou uma ação acontece, fornecendo dados detalhados, nas descrições, os quais podem ampliar a noção a cerca do fenômeno, por isso o trabalho etnográfico deve buscar uma aproximação da forma densa de descrição ou um intermediário entre a descrição superficial e a densa (GEERTZ, 1989).

Etnografia Virtual

As novas formas de tecnologia da informação têm provocado grandes mudanças na organização social. Em muitos âmbitos da vida cotidiana, a forma pela qual as pessoas, em sua maioria integrante da classe média, estabelecem relações entre si, está cada vez mais, sendo mediada pelas novas tecnologias de comunicação. E o grande expoente destas novas formas de tecnologia é o computador, o qual oferece uma vasta gama de recursos e possibilidades de comunicação. Diante deste fenômeno que foi o encontro da tecnologia computacional com a criação da rede mundial de computadores, ampliou-se a possibilidade de interatividade e vivência grupal. Por desenvolver-se de maneira rápida e exponencial a comunicação mediada por computador tornou-se um desafio para as ciências sociais, devido à dificuldade de se delimitar os espaços no mundo virtual e as formas de relacionamentos. Diante disso, investigar e acompanhar este processo de transformação é fundamental para a adequação do aporte científico a realidade em vigor.

A compreensão dos espaços virtuais na internet como campos de investigação social é uma necessidade que está cada vez mais presente na contemporaneidade, já que a rede mundial de computadores tem alcançado dimensões extraordinárias. E este novo campo de investigação tem se desdobrado em vários aspectos da vida comum, desde uma simples leitura das notícias do dia, a uma complexa inserção em cidades e mundos digitais, nas quais se pode fazer coisas cotidianas como escovar os dentes ou arrumar a casa. Não se pode negar o alcance da rede mundial de computadores, muito menos os seus efeitos sobre a vida prática dos indivíduos na contemporaneidade. Assim sendo, o espaço virtual, como em qualquer outro espaço social, é um campo possível de investigação, pois oferecem elementos culturais comuns a qualquer grupo encontrado em ambientes físicos e naturais, salvaguardada as peculiaridades dos ciberespaços.

Conceitos como, sociabilidade, cultura e comunidade que já são difíceis de definição no mundo de contato físico e natural, ganham na virtualidade dos ciberespaços uma dimensão ainda mais delicada, já que os espaços virtuais apresentam uma nova forma de compreensão destes conceitos. Não cabe dentro do estudo dos espaços virtuais, e inclusive na concepção dos espaços de realidade concreta, a reificação do termo cultura, já que a fluidez e a imaterialidade dentro espaços virtuais é uma constante, da qual não se pode fugir.

O fazer etnográfico é uma prática que se caracteriza pela observação-participante, e dentro dos espaços virtuais este tipo de observação ganha outra forma, nesse sentido levantam-se questões em relação aos limites da técnica em relação aos ciberespaços. Não há dúvida de que as plataformas de relacionamento virtual possuem uma variedade grande de materiais para análise, como: blogs, perfis digitais, mensagens instantâneas, imagens, fotos, textos etc. Contudo, o modo com que tem se aproveitado todo este material latente é muito incipiente e pouco freqüente. Visando este novo arsenal de informações e dados, muitos trabalhos têm sido desenvolvidos para a discussão da utilização metodológica da etnografia virtual como procedimento.

Uma autora que discute com bastante propriedade o assunto é Adriana Braga (2006), promovendo um pensar epistemológico a respeito da etnografia virtual. Nesse estudo, Braga apresenta algumas características da etnografia virtual e suas limitações em relação a etnografia tradicional. Como já foi dito, a observação-participante é um importante aspecto da etnografia, entretanto no que concernem os espaços virtuais, a participação efetiva do pesquisador parece ser mais amena ou praticamente nula. Segundo a autora é uma visão

errônea das possibilidades de envolvimento do pesquisador com os grupos no mundo virtual. Certamente a etnografia virtual apresenta características bem distintas da etnografia tradicional, mas as possibilidades de investigação não se restringem ou se limitam, apenas são dispostas em uma realidade ainda pouco convencional.

Como em qualquer pesquisa de caráter científico, o dever ético para com as informações adquiridas na internet é de extrema importância para pesquisa, por isso conservar o anonimato dos participantes é uma opção pertinente. Além do cuidado com a identidade do participante, todo o material acumulado da pesquisa deve ser preservado em lugar seguro ou destruído definitivamente.

O valor metodológico da utilização da etnografia nos espaços virtuais se refere ao potencial que a técnica possui em oferecer uma aproximação do objeto de pesquisa e a ampliação da capacidade de compreender o fenômeno, possibilitando análises abrangentes a cerca do problema.

A etnografia virtual será realizada em comunidades virtuais do site de relacionamentos, Orkut, e nos perfis autorizados pelos indivíduos. Será criada uma conta no site, de modo que permita o acesso às comunidades e aos usuários. E as observações serão periódicas durante, aproximadamente três meses de pesquisa, registradas por meio de anotações, imagens copiladas e transcrições. As análises aconteceram por observações não participativas. E o pesquisador se concentrará nas vivências, opiniões e relações dos membros da comunidade.

Grupo Focal

Para a realização desta pesquisa, além da etnografia virtual, optou-se também pelo uso de Grupos Focais, como estratégia para a coleta de dados. O grupo focal é entendido como uma técnica de coleta de dados que utiliza da discussão de temas alvo dentro de grupos, gerando análises quanto a interação do grupo e os discursos produzidos a respeito do tema, na tentativa de captar, opiniões, representações, preconceitos, atitudes, sentimentos e percepções. Caracteriza-se pela reunião de um grupo de pessoas que possuem alguma vivência em relação ao objeto de estudo e que estão dispostas a refletirem e discutirem os assuntos propostos pelo moderador. Nesta perspectiva o pesquisador tem um papel fundamental, pois deve conduzir

o grupo aos assuntos de seu interesse, sem com isso interferir no processo de construção do grupo. Portanto, o pesquisador, não é apenas mais um membro do grupo, ele deve estar num espaço intermediário entre o ser membro e a observação extra-grupal. A posição do moderador do grupo é a de facilitador do processo de discussão, enfatizando os jogos de interrelações e processos de formação de opiniões (GONDIM, 2003).

O uso de grupo focal em pesquisas tem se tornado cada vez mais comum, apesar desta técnica ter começado a ganhar maior legitimidade só a partir dos anos 80, e tem sido empregada em finalidades distintas. Gondim (2003) apresenta pelo menos três modalidades para o uso de grupos focais: exploratórios, clínicos e vivenciais. Nesta pesquisa a modalidade escolhida é a exploratória, já que a técnica se mostra um instrumento rico para a coleta de dados, geração de hipóteses, constatação de teorias e produção de ideias novas.

As informações adquiridas das discussões em grupo são analisadas, não em relação aos conteúdos e conclusões produzidas pelo grupo, mas sim ao conjunto de inter-influências gerados e ao discurso oculto, ideologias e representações a cerca do tema estudado. Logo a unidade de análise do grupo focal não é apenas os conteúdos emergentes das falas dos participantes, mas o conjunto de aspectos psicossociais encontrados na relação inter-participativa. Pois a técnica é fundamentada na premissa de que pequenos grupos podem ser considerados amostras significativas do contingente social, já que também reproduzem as mesmas relações que mantidas em ambientes outros na vida cotidiana.

Conciliação das ferramentas de investigação

Os instrumentos e teorias apresentadas foram reunidos para a construção da estratégia de investigação do tema proposto por esse trabalho, e em sua concepção tentou-se estabelecer uma relação e coerência entre os métodos selecionados. A dificuldade de se estruturar a metodologia desta pesquisa se dá pela natureza do objeto de estudo e sua origem recente. Os ciberespaços fazem parte de uma nova maneira de organização social na contemporaneidade, por isso o estudo se limita a inferências parciais e hipotéticas, devido estarmos no auge deste processo de mudança. Por isso, também oferece oportunidade para criar novas formas de investigação, e adequado as ferramentas científicas a realidade atual.

Como já foi explanado, esta pesquisa é orientada por uma concepção qualitativa de investigação, e busca uma correspondência entre os instrumentos utilizados e o posicionamento epistemológico, para a construção do conhecimento dela produzido.

O posicionamento teórico, qualitativo, do estudo é condizente com o fazer etnográfico, defendido por autores como Bizerril (2004) e Geertz(1989), já que a pesquisa etnográfica em sua definição enfatiza o envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, valorizando a capacidade de produzir representações a cerca do tema, e de maneira hermenêutica, favorecendo a construção-interpretativa do conhecimento.

A etnografia é um método investigativo bastante abrangente, por isso, sua utilização dentro deste estudo é entendida como um fio condutor, no qual se poderá caminhar por vários espaços e incorporar distintas ferramentas investigativas, como a iconografia e o grupo focal. Por se acredita nas possibilidades do estudo etnográfico, será apropriado o conceito, muito atual, da etnografia virtual compreendido por Braga (2006), que considera a etnografia virtual com o mesmo valor metodológico da etnografia tradicional defendida por Geertz (1973 apud Braga, 2006). Diante disso, buscar-se-á, uma configuração metodológica que consiga relacionar de forma coerente a posição qualitativa, a etnografia virtual e a técnica de grupo focal.

CAPÍTULO IV – ANÁLISES

Procedimentos Realizados

Para a pesquisa, foram realizados dois grupos focais e uma investigação em comunidades no site de relacionamento Orkut. De início foi realizada uma pesquisa exploratória, para adquirir informações relevantes para a construção do instrumento de pesquisa e para conhecer os vocábulos e símbolos utilizados nestes ambientes. Para isso, foi criado um perfil no site, com o nome “Pool”, para facilitar o acesso e trânsito nas comunidades.

A escolha deste site de relacionamento ocorreu devido ao fato de ser um dos sites mais utilizados pelos brasileiros. Desde o seu surgimento, milhões de pessoas ingressaram em seus domínios para se relacionarem cotidianamente com pessoas de todo o mundo, através do envio de recados (scraps), postagem de fotos, vídeos, construção de perfis dentre outros. Este site pertence ao grupo Google, uma empresa que vende publicidade na internet, que está entre as maiores do mundo. A primeira versão em português do site surgiu em 2005, e a partir dessa data, milhares de pessoas se cadastram diariamente. Em janeiro de 2006, dos 13.250,000 usuários da plataforma, 72,91% deste total eram brasileiros, em segundo lugar tínhamos os EUA com 10,59%. Apenas esta informação já seria mais que suficiente para visualizarmos como esta rede social obteve adesão em nosso país (TELLES, 2006).

Os principais focos de análise durante a pesquisa exploratória foram os assuntos relacionados à própria experiência no site, em geral, comunidades que tinham como temática a vivência no orkut. Tanto experiências consideradas boas ou ruins, a depender dos critérios de avaliação dos próprios participantes. Priorizou-se pelo levantamento de informações quanto à forma de comunicação; tipos de imagens e textos utilizados para a intercomunicação, como; os vocábulos, expressões iconográficas, expressões lexicais (autorias e onomatopéias).

A coleta de dados neste primeiro momento ocorreu por meio de observações de tópicos discutidos e comentados na própria comunidade, sem a interação ou comentário do observador. Tais discussões não necessitam da presença constante do membro, são comentários realizados em momentos ocasionais, em que o membro está conectado e visita o fórum de debates. Portanto, os tópicos ficam a disposição para serem lidos ou até mesmo comentados por usuários do site, membros ou não da comunidade, a depender da decisão do

mediador. No caso das comunidades observadas, todas estavam habilitadas a serem observadas por qualquer usuário do Orkut.

Após a coleta de dados para a pesquisa exploratória, as informações adquiridas também foram bastante relevantes para a explanação do tema, contribuir para a elaboração dos tópicos discutidos nos grupos focais, fornecer informações quanto às vivências nestes ambientes de interação, exemplificar as linguagens comumente utilizadas e ampliar o olhar crítico sobre o fenômeno.

Os sujeitos participantes destas comunidades são de idades variadas, e de ambos os sexos, visto que a única exigência do site refere-se à maioria dos participantes. Não foram observadas predominância de regiões, nem classe social, nível acadêmico ou cultural. O que todos os participantes têm em comum, a priori, é o fato de se mostrarem interessados no nome da comunidade e nos assuntos lá discutidos, além é claro do fato de estarem cadastrados no site.

No segundo momento da pesquisa, foram realizados dois grupos focais, um de cinco e outro de seis pessoas, com o intuito de explorar melhor o tema de estudo. Também para comparar os instrumentos de pesquisa, bem como suas peculiaridades e divergências.

Os grupos realizados tiveram duração de aproximadamente duas horas, onde foi proposta uma discussão quanto às vivências, opiniões e críticas a respeito de sites de relacionamentos e redes sociais. Para a entrevista foi utilizado um roteiro previamente elaborado com as principais diretrizes da pesquisa. Roteiro este, fundamentado nos dados coletados em comunidades virtuais, reportagens e literaturas com este enfoque. Foram abordados assuntos como: assiduidades dos acessos, utilidade da internet, facilidades nos ciberespaços, mudanças na vida prática, relações interpessoais em redes sociais, compreensão de si nas construções de perfis, intimidade, dentre outros temas relevantes para a pesquisa.

Os sujeitos dos dois grupos moram, em sua maioria, em regiões de classe média em Brasília, de ambos os sexos, e nasceram todos a partir do ano 1989, por isso não possuem mais que 21 anos de idade. Possuem no mínimo o ensino médio completo, ou estão nos semestres iniciais do ensino superior. Além disso, todos possuem computador pessoal, ou até mesmo celular com tecnologia de conexão.

As entrevistas foram realizadas em locais distintos; uma realizada na casa de um dos participantes e outra realizada em uma das salas do Uniceub. Os locais foram previamente preparados, com a organização e disposição de cadeiras e equipamentos de gravação. Todas as entrevistas foram registradas através de filmagens e audio-gravações, e armazenadas para análises posteriores. Os participantes foram esclarecidos e orientados quanto à participação, recebendo e assinando o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Análise dos Dados

A comunicação mediada por computadores tem alcance enorme em nossa sociedade, apesar de dois terço da população brasileira não possuir computadores ou internet, um grande número de acessos são registrados diariamente, do mais variados locais (SIBILIA, 2008). As *Lan Houses*, *Cybercafés*, locais de trabalho são possibilidades alternativas para pessoas que não possuem condições de manter tal tecnologia. O que impressiona é a popularidade com que a internet e seus dispositivos de comunicação e interatividade alcançaram nos últimos anos. E uma das plataformas mais visitadas por esta população, são as redes sociais, sites de comunicação interpessoais, que fornecem a seus usuários condições variadas de exposição pessoal e acesso a perfis de pessoas de todo o mundo.

Mesmo sendo uma realidade tecnológica das classes mais abastadas, o uso de redes sociais possuem um alcance grandioso em nossa cultura, e tem modificado o modo como nos relacionamos com nós mesmos e com os outros.

Das comunidades visitadas observa-se a heterogeneidade dos usuários, quanto à classe social, nível escolar, etnia e localização geográfica. Isto nos demonstra um pouco do modo como as mídias sociais estão sendo incorporadas pela população brasileira, e de como esta realidade propicia mudanças culturais relevantes.

A quantidade de mídias para esta prática tem crescido significativamente, fazendo com que as pessoas possuam mais de um canal de comunicação virtual. É comum uma pessoa ter mais de três dispositivos para esta finalidade, uma caixa postal (e-mail), um programa de mensagens instantâneas (MSN) e uma conta em algum site de relacionamento. Os perfis em site de relacionamento são os que demandam maior atenção devido à grande quantidade de

informações que exigem das pessoas, possibilitando um verdadeiro *layout*⁵ da vida de seus usuários.

Estes dispositivos de comunicação estão a cada dia possibilitando novas formas de relacionamento interpessoal, e configurando uma nova possibilidade de trânsito social. Não se trata necessariamente de uma substituição do mundo físico, mas uma ampliação das possibilidades de ser e estar em sociedade.

As eleições de 2010 são um ótimo exemplo para iniciarmos esta análise. Devido à utilização das redes sociais, os candidatos políticos encontraram nos sites de relacionamento uma nova maneira de fazer campanha. É possível se lembrar da quantidade de informações trocadas instantaneamente nos blogs de candidatos, e seu efeito nas campanhas dos mesmos e dos outros participantes. A confiabilidade das informações também foi tema de destaque, já que as informações postadas não necessitam de uma fonte segura para circularem.

Este, entre outros assuntos, estive presente nas discussões em grupo, principalmente quando discutíamos a confiabilidade das informações oriundas da internet. Alguns participantes relataram que as informações obtidas na rede, não devem ser digeridas sem uma constatação concreta, é necessário ao menos verificar a procedência. Contudo admitem que informações consideradas menos relevantes sejam absorvidas sem muitos critérios. E uma das preocupações referente à fidedignidade da informação acontece no momento de se relacionarem com outras pessoas através de perfis digitais.

As pessoas submersas em redes sociais, além de serem receptoras também são emissores informações, portanto estão a todo o momento transitando entre estes dois pólos. Na posição de remissão, transmitem apenas informações relevantes para a sua promoção social, deixando de lado fatores negativos ou considerados irrelevantes para a sua apresentação. Quando são receptoras tentam avaliar de forma generalizada as informações, e buscar uma coerência entre os conteúdos disponíveis, não os desqualificando a priori, mas esperando uma confirmação em outro dado momento. Dagolberto⁶, um dos participantes, relata: “*A parte chata da sua vida você não coloca no perfil, apenas coisa boas*”.

⁵ Termo em Inglês, cujo significado aproximado em português é Esboço

⁶ Nome fictício de um dos participantes. Todos os nomes apresentados serão fictícios para assegurar o anonimato dos participantes. Conforme esclarecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quando estamos falando de perfis em sites relacionamento, mais especificamente no site Orkut, os participantes da pesquisa relatam que os perfis são uma orientação superficial e generalizada de alguém. Todavia, tais informações possuem influência prática na hora de se relacionar, pois, como diz outro participante, Coelho, “*o Orkut é uma primeira impressão da pessoa*”.

Os perfis em sites de relacionamento estão coerentes com o movimento social descrito por Debord (1997), onde a impressão causada pela imagem pessoal se torna cada vez mais importante. Os dispositivos tecnológicos da atualidade tem se tornado um arsenal para o tratamento das relações mediadas pela aparência. A escolha das informações prestadas aos conhecidos, através da internet, está mais comprometida com a impressão causada do que com a coerência para com a identidade da pessoa. Apesar das pessoas reconhecerem que tal forma de relação é mantida pela aparência, mesmo assim se mostram interessadas por tais informações, e muitas vezes se organizarem através delas. Como nos exemplos em que pessoas se conhecem exclusivamente pela rede e mantêm relacionamentos íntimos, chegando ao ponto de se casarem na vida real, depois de anos de relação virtual. Este é o caso da prima de um dos participantes da pesquisa.

Todos os participantes relatam que a maioria de seus contatos virtuais são pessoas conhecidas presencialmente, apenas dois participantes relataram já ter se relacionado exclusivamente pelo Orkut, e que alguns destes relacionamentos foram tão intensos quanto os presenciais.

Alguns dizem que as relações mantidas na internet são complementares a amizades presenciais e fornecem facilidades para manter-se em contato e informados sobre os contatos. De modo que possibilita um canal de comunicação direta com os conhecidos, coisa que as possibilidades físicas não permitem, gerando uma sensação de onipresença na vida dos contatos.

Outra característica importante destes dispositivos é a velocidade com que tais informações vão e vem. Não é necessário mais esperar uma semana ou um mês para receber uma carta de alguém distante e saber como anda a vida desta pessoa. Isto tem gerado uma sensação de que as pessoas não estão mais a metros ou quilômetros de distancia, tais unidades de medida não fornecem mais os mesmos sentidos, quando estamos na conectados a internet e se relacionando com outra pessoa. Estamos agora a cliques de distância, e de acordo com a

velocidade de transmissão de bits e bytes que a conexão a *DSL (Digital Subscriber Line)* nos proporciona.

A velocidade com que as informações se movimentam neste espaço representa também, uma inconstância dos conteúdos. Uma informação pode ser afirmada, contestada e reafirmada, tudo ao mesmo tempo. A fluidez dos referenciais está cada vez mais recorrente na vida contemporânea, e a internet parece representar bem este fenômeno. A imagem dos políticos desta última eleição é um exemplo claro desta falta de fundamento substancial encontrado nos espaços virtuais. Uma hora um importante candidato era a favor de uma determinada política, e momentos posteriores surgiam rumores do contrário. Tudo isso gerou importantes conseqüências para a imagem social destes candidatos a representação política. Não se sabia ao certo em que fonte virtual (site) podia-se confiar, e isso pode promover um significativo efeito nas decisões sociais.

Toda essa fragilidade dos referenciais sociais está coerente com as análises de Bauman (2005), quanto à dinâmica da sociedade na modernidade líquida. Uma sociedade que não consegue manter os elementos culturais de outrora, aonde o importante é o movimento constante de re-atualização.

Online versus Off-line

Apesar de tais formas de relacionamento não representarem a mesma coisa, a vida Off-line e Online, possuem relações e similaridades importantes. Aspectos sociais e culturais também se reproduzem no mundo digital, as diferenças sociais, por exemplo, não estão presentes apenas no fato de ter ou não acesso a este mundo. Dentro da rede, os próprios jogos online reforçam diferenças de classe entre os participantes. De acordo com o compra de créditos, são oferecidos privilégios para os membros que gastam mais dinheiro. O próprio Orkut possui em sua plataforma, um jogo deste tipo, chamado “Colheita Feliz”.

Além dos mecanismos sociais impostos pelo próprio site, elementos da dinâmica social intrínsecos aos próprios participantes estão presentes, como valores, preconceitos e tabus. O mundo digital não é um ambiente a parte, ele é uma nova dimensão da vida cotidiana, que continua a reproduzir os movimentos da cultura e do modo como as pessoas se relacionam, nos vários contextos sociais. Serginho, um dos participantes, relatou já ter sentido medo de colocar em seu perfil o gosto musical, já que isso poderia afastar pessoas de seu convívio virtual e até mesmo presencial, diz: “*Quando estava no ensino médio, eu tinha medo*

de assumir que gostava de rock pesado, por isso não escolhia comunidades do assunto, [por] medo de ser excluído.”

Os sites de relacionamento são utilizados, conforme relatam os participantes, como uma continuação da relação presencial, portanto se traduzem também num tipo de experiência social válida. O que acontece no ambiente virtual se reflete no ambiente presencial e vice-versa. Tais realidades não estão isoladas, concretizam-se em ambientes distintos, mas estão sempre em concomitância. Isto rompe com a distinção ingênua entre virtualidade e realidade. Tal diferença refere-se à dimensão espaço temporal dos fatos e das possibilidades digitais, sendo assim, o virtual não representa um mundo a parte, ele é uma possibilidade real de convivência social e tem efeito na vida cotidiana dos sujeitos a ele expostos.

O uso das redes sociais e a exposição pessoal

Os sujeitos analisados passam de 2 a 7 horas por dia, conectados à internet. Deste tempo boa parte é dedicada às redes sociais, quando não todo o tempo. Lenom, foi um dos poucos participantes que relataram não passar tanto tempo em redes sociais, diz passar uma média de dez minutos por dia e que não tem paciência para ficar se informando sobre a vida de seus contatos. Portanto, apesar da maioria dos participantes se disserem interessados em fatos cotidianos de seus contatos, há aqueles usuários que não possuem o mesmo interesse. Sibilia(2008) nos apresenta com bastante perspicácia este movimento contemporâneo do interesse pelo comum e pelo banal. Realmente podemos observar que na maioria dos acessos, o interesse das pessoas é saber a respeito da vida cotidiana de seus contatos. Como mesmo apresenta a participante, Yoko, em sua fala sobre os interesses em usar o Orkut. Além da facilidade de mandar mensagens e se comunicar com pessoas distantes, economizar dinheiro com ligações, *“a principal função do Orkut é fuçar a vida dos outros” “[...] em dez minutos você pode fazer tudo o que precisa no Orkut, o que justifica o restante das três horas que eu passo é saber da vida do outros.”*

Nas comunidades visitadas no site, que tratam sobre a experiência de usar o Orkut, é recorrente o comentário de que é inevitável e até um vício vigiar o espaço alheio. Em vários tópicos de discussão, as pessoas falam de como a prática de passear por perfis alheios é tão interessante que dificultam a realização das tarefas cotidianas, como: trabalhar, estudar e dormir devido ao tempo gasto nesta atividade.

Sibilia (2008), em sua análise, discute este interesse generalizado por personalidades comuns e das mazelas cotidianas de pessoas sem um atrativo aparente. Teriam sido substituídos os ídolos e heróis do passado por pessoas comuns? Que tipo de efeito teria este interesse atual pelo corriqueiro e banal das vidas comuns na constituição dos sujeitos? Estas são perguntas que realmente emergem do estudo desta realidade.

A valorização do sujeito comum parece caminhar com o movimento de valorização da própria existência, onde o interesse pela pessoa comum é efeito do narcisismo exagerado, que põe a existência banal em primeiro plano, para enaltecer a própria existência sem grandes realizações. Quando alguns sujeitos passam a deixar de lado o compromisso com os ídolos do passado, e suas utópicas existências de dedicação ao outro, reassumem a própria existência e as possibilidades de serem reconhecidos em suas vidas comuns, sem a necessidade de grandes feitos.

Não é possível, contudo, fazer generalizações quanto a esta forma de organização, já que é perceptível muitas das vezes um movimento contrário, quando vemos um fortalecimento de religiões e instituições que defendem outras formas de subjetivação.

Ambigüidades e Contradições das Informações

Os ambientes virtuais fornecem contradições em relação à opinião dos usuários, algumas comunidades do Orkut, que criticam o próprio site apresentam opiniões ambivalentes em relação ao site. Ao mesmo tempo em que criticam e reclamam das conseqüências do uso do dispositivo, se dizem tentados a permanecer no mesmo. Na comunidade: “*Orkut atrapalha minha vida*” encontramos vários comentários quanto às mazelas causadas pelo uso da ferramenta. Desde o comprometimento das responsabilidades diárias até o rompimento de namoros e relações. Algumas pessoas relatam, em tópicos de discussão na comunidade, já ter saído do Orkut mais de uma vez, mas não conseguem permanecer muito tempo sem a ferramenta. A maioria se diz viciado no site, não conseguindo manter um uso controlado. Ao responderem a enquete, “*Em que o Orkut já te atrapalhou?*”, surgem os seguintes relatos:

Eu era um cara normal e nunca tive por habito usar o micro para jogar ou 'polentear' no MSN, sou programador e trabalho direto com web. Depois que descobri o Orkut, trabalhei menos, meu rendimento caiu, entro lá pra ver quem me vê, quem quero ver e perco maior tempo não produzindo meu trabalho e as vezes preocupado pelo que vi. Atrapalha muito porque depois de ver que perdi todo aquele tempo, não ganhei um tostão e tbem não comi ninguém.

PQ minha namorada quer que só tenha homem no meu Orkut...Tem ciúmes de todas as minhas amigas...E quando mandam aquele scrap de decepção de fim de noite...'Oi amor passando só

pra te desejar uma boa noite'...Ai FUD...!! Pra mim o Orkut tinha que acabar, mais para todos senão eu não resisto...

pq sou uma pessoa viciada!!!! Entro no Orkut 3 vezes ao dia!! A minha vida se resume no Orkut.

Estes usuários parecem reconhecer o uso demasiado da ferramenta, todavia dizem não conseguir deixar de estar neste ambiente. Como a metáfora utilizada para o uso de drogas passou a representar a experiência de estar no Orkut? Estar viciado requer a dependência de algo. Seria a dependência de estar a todo o momento informado da vida do outro ou de estar divulgando periodicamente a sua própria existência? Ou seriam as duas coisas?

O fato é que os usuários desta ferramenta parecem necessitar destes utensílios tecnológicos para se sentirem sujeitos. Não é que as pessoas necessitem disto para sobreviverem, mas está cada vez mais necessário estar a par destes assuntos para podermos nos manter sujeitos de uma sociedade cada dia mais digital.

Capoeira, uma das pessoas que participaram dos grupos focais, narrou uma experiência, na qual concorria a uma vaga de emprego de uma empresa de publicidade e ficou em desvantagem por não ser usuário de uma determinada rede social, o Twitter⁷. Este fato tem se tornado cada vez mais comum, Empresas que buscam nas redes sociais os perfis necessários para seus cargos, o Orkut e o Twitter são hoje exemplos desta realidade.

A Identidade na Era da Informação

Os elementos culturais que constituem as nossas identidades também de alguma forma estão sendo difundidos pela internet, entretanto de uma maneira bem diferente dos modos que existiam em outros momentos. A identidade cultural sendo um dos aspectos fundamentais para a construção da identidade dos sujeitos, como mesmo sustenta Stuart Hall (2006), estão na atualidade recebendo outros significados. O lócus social dos sujeitos não é mais definido pelos limites geográficos que se impunham. A internet e toda a parafernália interativa que junto com ela se expande, tem fornecido condições de ampliação do espaço antes permitido para a constituição dos sujeitos, pelo menos no que se refere à nacionalidade e a comunidades sociais. Ao mesmo tempo em que a territorialidade geográfica perde um pouco o seu sentido,

⁷Rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos

emergem do mundo digital, novos lócus de subjetivação. Nas redes sociais, as comunidades não necessariamente são definidas por uma localização geográfica, mas por outras questões subjacentes aos interesses dos usuários.

John, um dos usuários do Orkut e membro de algumas comunidades do site, diz surpreender-se no modo como algumas comunidades são extremamente organizadas e levam a sério o grupo. Disse que fazia parte de uma comunidade, mas não a visitava já há algum tempo. Por curiosidade visitou a mesma e percebeu que estava havendo uma eleição de moderador da comunidade. Ao tentar participar da votação certos membros o reprimiram por estar a tanto tempo longe da mesma e mesmo assim querer votar. John não esperava por esse comportamento dos membros e disse ter ficado surpreso por tal conduta já que se tratava apenas de uma comunidade virtual. Isso ilustra um pouco do modo como as pessoas estão se apropriando dos espaços digitais e incorporando tais espaços e significantes a suas subjetividades, além de demonstrar que nem todas as pessoas, assim como John dão um significado superficial aos grupos em redes sociais.

Elementos da Comunicação Interpessoal nos ciberespaços

Uma dimensão importante observada nas novas formas de comunicação mediada por computador refere-se às diferenças entre os diálogos realizadas a partir do computador e diálogos presenciais. Nos dois grupos focais realizados, os participantes apresentaram diferenças importantes, principalmente no que se refere à substituição de expressões corpóreas e emocionais por textuais e iconográficas. Nos diálogos presenciais os aspectos não verbais, como expressão facial, expressão corpórea e entonação de voz facilitam a comunicação, fornecendo ao receptor, condições amplas de entendimento do sujeito emissor. No caso da comunicação através da internet, a comunicação é menos eficiente já que os recursos, apesar de variados, são limitados. As construções lexicais autorais, na qual os sujeitos expressam alguma informação através de textos, carecem de elementos não verbais que dão sentido a uma determinada frase ou expressão. Para facilitar a comunicação e tentar diminuir interpretações equivocadas, são utilizadas expressões lexicais onomatopéias (expressões textuais que imitam um determinado som) ou iconografias (imagens, ícones ou desenhos). Porém os usuários dizem que tal forma de comunicação ainda é muito deficitária.

Segundo os participantes da pesquisa, as relações virtuais não podem substituir as relações presenciais, pois se configuram de maneira diferenciada e os limites da comunicação

ainda representam barreiras para uma comunicação de qualidade. Apesar da opinião dos participantes, é comum, nos dias de hoje, observar pessoas passarem mais tempo em redes sociais do que em grupos presenciais. Alguns dos participantes relatam inclusive alguns exemplos dessa realidade, com o caso de Ringo que diz: *“Já tiveram vezes em que meus irmãos estavam no mesmo quarto, cada um usando um notebook e fazendo coisas diferentes e se comunicarem através do MSN, sendo que estavam um do lado do outro”*

George, outro participante faz uma análise interessante do comportamento dos irmãos, e ainda compara com a sua experiência, quando diz:

O problema das relações virtuais é que ela diminui a distância de pessoas longe, o que é uma coisa boa, mas aumenta a de pessoas próximas fisicamente. Às vezes você está conversando com um cara que está a duas quadras de você por MSN, sendo que poderia estar ao lado dele.

Poderíamos nos perguntar quanto das nossas relações já estariam se realizado exclusivamente pelas as redes sociais? E até quanto estariam, caso os mecanismos de comunicação fossem mais precisos? O que certamente ocorrerá no futuro próximo.

Ampliação da Noção de eu

Algumas das vantagens de se relacionar através da internet é o aumento das possibilidades de promoção do eu. As ferramentas de modificação das imagens e dos textos que representam as personalidades através dos perfis estão a cada vez mais sofisticadas, e possibilitam outras formas de ser e estar em sociedade. Segundo Turkle (1997), a internet é um verdadeiro laboratório para as personalidades, aonde as pessoas podem experimentar ser o que quiserem, sem que isso se torne um estigma social para elas. Um obeso pode experimentar ser um esbelto, um homem poder se passar por mulher ou vice-versa, uma pessoa pode até deixar de ser pessoa e se representar como um animal, a possibilidades são ilimitadas.

Ao circular entre os perfis no Orkut é comum cruzarmos com perfis de personalidades famosas, contudo, em sua maioria falsos perfis, geralmente denominados Fakes (Falsificações). Várias pessoas mantêm perfis de personalidades famosas, sem que necessariamente seja a pessoa. O site não exige nenhuma comprovação de que as informações colocadas sejam verídicas, por isso os fakes são possíveis. Existem, inclusive, comunidades reservadas a fakes de pessoas famosas. Há uma destas comunidades, com 31.212 usuários,

que só aceitam fakes de pessoas famosas em que o texto inicial é o seguinte: “*Celebridades dos Fakes /Categoria: Romances e Relacionamentos (31.210)usuários/ Local: Brasil /Só fake entra/Não precisa ser famoso, pq a fama conseguiremos aqui / No mais falaremos de nada o tempo todo /Bem vindos.*”⁸

Apesar do potencial que a criação de perfis oferece para a experiência transpessoal, os indivíduos analisados, em sua maioria dizem não se interessarem por este tipo de experiência, pelo menos não em sites de relacionamento, pois, segundo eles, já é muito trabalhoso manter um perfil “verdadeiro”.

Este exemplo nos demonstra o modo como as personalidades virtuais podem ser meras vestimentas que se adaptam as necessidades do momento, não exigindo uma coerência ou um comprometimento com o concreto e substancial dos fatos. A simulação do real através da produção de imagens, mesmo reconhecidas com irreais, às vezes parece sobrepôr os resquícios concretos de um eu que não aparece, e que não recebe a atenção dos holofotes da sociedade do espetáculo, como bem apresenta Debord (1997).

A organização do espaço individual na internet é realizada a partir de um conjunto de imagens, textos e vídeos, que têm a função de expor alguns dos atributos das pessoas reais e concretas atrás da tela do computador. Porém o que se observa do contato com estas formas de tecnologia é uma cultura digital emergente, que não necessariamente substitui a vida “analógica”, mas possibilita experiências sociais similares ao mundo fora do computador.

Os perfis do Orkut não são apenas retratos de sujeitos reais, eles são algo a mais, para além de sombras de pessoas, os perfis representam a construção de um eu que se relaciona com outros “eus” em ambientes exclusivamente virtuais. As relações intersubjetivas que acontecem nas telas do computador, não só, é uma continuidade das relações já estabelecidas longe do computador, como também oferecem experiências de relação que só podem ser vivenciadas no mundo virtual.

Claro que este eu das telas de computador necessita de uma subjetividade por trás que a componha, pelo menos quando se trata de redes sociais, contudo não significa que esta pessoa tenha que transpor para as páginas de seu perfil as características palpáveis de sua

⁸ As descrições apresentadas podem ser acessadas pela URL:
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2060646>

existência ou experimentar em suas relações as mesmas facetas da vida concreta. Esta possibilidade de construir uma personalidade, sem os limites das características físicas, raciais e culturais parece oferecer uma oportunidade das pessoas projetarem em seus perfis o seu “self” ideal, ou seja, o eu ideal que muitas pessoas buscam.

Para os participantes da pesquisa, os perfis são fragmentos de uma realidade, e servem para representar uma dada personalidade que já se relaciona na vida presencial. Contudo, assumem que o conteúdo exposto nos perfis, geralmente é selecionado com cuidado, de forma que transmita informações que gerem uma boa imagem do sujeito.

Por saberem que ao se relacionar com outros perfis encontrarão, provavelmente, apenas aspectos positivos da personalidade de alguém, dizem que correlacionam as informações do perfil como, as fotos, scraps (mensagens), comunidades e descrições pessoais como auto-imagem do autor e depoimentos de outras pessoas. Todas essas informações juntas e relacionadas fornecem um esboço mais coerente de quem é a pessoa por trás do Orkut. As comunidades possuem uma função predominante nesta avaliação, pois elas geralmente manifestam os gostos e interesses do usuário, e podem contrastar com as descrições do perfil. Todavia, dizem que mesmo assim, não se pode conhecer uma pessoa exclusivamente pelo Orkut, pois pode haver vários elementos ocultos ao contato virtual.

Da exposição da Intimidade

Ao discutirmos, no grupo focal, o modo como as pessoas se sentem ao exporem suas intimidades nos sites de relacionamento, os participantes em sua maioria dizem colocar apenas o necessário para serem identificados. Coelho, por exemplo, diz que as fotos de pessoas com roupa íntima é uma exposição desnecessária, sobretudo preocupa-se com a qualidade das fotos disponibilizadas aos contatos, principalmente no que se refere à beleza. Para John, o conteúdo exposto deve ser o mínimo possível, em seu perfil, possui na parte que se refere à descrição pessoal, diz ter colocado apenas uma frase que acha interessante, não se sente motivado a fazer descrições profundas de sua pessoa, sua foto do layout principal, por exemplo, é a mesma desde quando criou o perfil há uns quatro anos atrás.

Observa-se ao visitar os perfis, que realmente a maioria das descrições pessoais, são hoje em sua maioria frases compiladas ou letras de músicas de sucesso. Os participantes dizem que antes, no início do site, as pessoas se preocupavam mais em fazer descrições, mas hoje a cópia de textos satisfaz a exigência de falar de si.

Aquele espaço em branco com título “quem sou”, era para as subjetividades do passado o aspecto mais importante e organizador. O uso dos diários retratados por Sibilia (2008) em seus estudos, na qual os sujeitos preenchiem outros espaços em branco, como nas páginas do diário, com informações importantes desse “eu”. Hoje, certamente não equivale a utilização destes espaços virtuais dirigidos a personalidades dos sujeitos. Primeiro, porque, os diários ficavam disponíveis apenas a pessoa que escrevia, quando muito a outra pessoa bastante íntima. E depois porque, as pessoas pareciam necessitar destes utensílios para se sentirem sujeitos, realmente exerciam uma função organizadora, onde cada palavra ali escrita era importante para constituição do próprio eu. Já os perfis em sites de relacionamentos, apesar de terem a função de descrever a pessoa, não parecem possuir a mesma função. Os conteúdos manifestos estão mais de acordo com as demandas sociais, do que com a dialética do sujeito com ele mesmo.

O que Sibilia indaga, é aonde foram parar as práticas de construções subjetivas dos sujeitos do passado ou de que forma elas se traduzem nas práticas atuais de subjetivação?

Na sociedade moderna, a intimidade representava a maneira pela qual o indivíduo se orientava as questões que se manifestavam apenas no seu espaço privado. Na contemporaneidade surge uma grande quantidade de tecnologias voltadas a falar dos sujeitos, mas num movimento diferente ao anterior. Estes, basicamente, acontecem de um movimento de dentro pra fora, o que antes se caracterizava de fora pra dentro, justamente contrário ao movimento de buscar no mundo externo uma representação para o mundo interno.

A pergunta que se faz: é como nos dias atuais o mundo interior se constitui para os sujeitos, já que as ferramentas que tratam das questões dos sujeitos estão trazendo o sujeito de dentro pra fora e aparentemente não oferecendo as condições mínimas para uma organização interior?

Para as pessoas analisadas, o conteúdo exposto não é a intimidade, propriamente dita. É na verdade um esboço de suas personalidades, com finalidade de se relacionar com outras pessoas. Quando perguntadas sobre o que significava intimidade para elas, descreviam basicamente formas de relacionamento íntimo com outras pessoas. Como exemplo, podemos pegar a fala de Serginho: *“Intimidade seria eu poder falar para um amigo algo coisa com liberdade, por exemplo, ligar pra e dizer que vou dormir lá, sem precisar ser convidado”*

O sentido empregado pelos participantes não retratam a intimidade como espaço privado para constituir de um eu, como apresenta Sibilia (2008). Para os mesmos a intimidade refere-se a tipos de relações que se manifestam com maior liberdade de expressão. Ao analisarmos a definição dos participantes, podemos nos perguntar se o foco dado as relações interpessoais ocorreu devido à temática da discussão ou se o conceito de intimidade dos participantes, na verdade não estariam em dissonância com a definição do passado, já que todos os participantes nasceram a partir de 1989, período em que a maioria das tecnologias de comunicação já existia ou estavam sendo desenvolvidas, além de se situarem na dinâmica social da modernidade líquida.

Entretanto, entre os participantes, há pessoas que dizem que o conteúdo do perfil, em muitos momentos produz uma reflexão sobre as suas personalidades, já que muito de seus gostos e opiniões são expressos no site, e permanecem até serem alterados, como é o caso das comunidades. Com a passar dos anos alguns usuários mudam completamente o perfil do Orkut, pois dizem que algumas coisas não são mais compatíveis com suas personalidades, e as comunidades refletem muito isso. Yoko e Elton nos apresentam falas interessantes sobre essa questão: *“Certa vez olhando minhas comunidades eu encontrei três comunidades contraditórias, eu tinha três comunidades assim: ‘eu odeio akitas’ ‘akita não é tão ruim assim’ ‘eu adoro akitas’.*” (Yoko). *“O Orkut às vezes serve de autoconhecimento”* (Elton)

Mesmo não atuando do mesmo jeito, ainda é possível observar como sites de relacionamento, assim como as metáforas computacionais provocam reflexões sobre a personalidade e sobre a existência das pessoas. Para Turkle (1997), o computador por si só já impõe questões existenciais para os sujeitos. Imersos na rede mundial de computadores, estas reflexões seriam ainda mais instigantes.

Considerações Finais

Os dispositivos tecnológicos de comunicação não são exclusivamente os agentes propulsores deste movimento social, este é um efeito das transformações sociais dos últimos anos. É interessante observarmos que além dos fatos históricos que fizeram do computador e da internet uma realidade, a criação de redes sociais foi uma estratégia mercadológica de empresas de publicidade interessadas em vender mídia e informações de publicidade. O que realmente impressiona é a forma com que estes dispositivos criados a partir de interesses financeiros bem específicos estavam de acordo com as tendências culturais de relacionamento interpessoais, até porque tais dispositivos foram rapidamente incorporados pelas pessoas e hoje se convertem em uma realidade surpreendente.

A maioria das pessoas analisadas, apesar de saber que o Google é uma empresa de publicidade, nunca questionaram os motivos que levam a Empresa a investir tanto nos sites de relacionamento e estar sempre criando novos dispositivos de interatividade, disponibilizando “gratuitamente” contas para acesso as mídias sociais. Por mais que estas plataformas tenham trazido grandes facilidades para a comunicação, se faz necessário analisar os discursos gerados pela ideia de rede social, já que esta prática é financiada e movimentada por empresas com objetivos financeiros bem demarcados.

É difícil sustentarmos que as subjetividades contemporâneas são opostas a das gerações passadas, e que a interioridade não é mais a maneira de organização pessoal, ainda mais porque estamos analisando apenas uma dimensão da vida contemporânea, que são os espaços sociais de interatividade virtual. Contudo, é possível defender que a pós-modernidade está oferecendo novas formas de subjetivação que se diferenciam substancialmente das formas do passado.

A presença física das pessoas em espaços sociais ainda não foi totalmente substituída por representações digitais, se é que vai ser. Contudo, as ferramentas virtuais de comunicação refletem uma nova maneira de estabelecer relações interpessoais.

As dinâmicas destas relações estabelecidas virtualmente são correspondentes a lógica das relações de consumo do sistema econômico predominante, na qual a imagem e a “performance” representam os principais atributos destas relações. Os perfis dos sites de relacionamento são ornamentados por mídias que tem a função de tornar mais atrativas, as personalidades ali expostas, como numa vitrine de loja de shopping, em que a disposição e

descrição dos produtos são mais importantes que as suas qualidades e finalidades. Outra característica é a possibilidade de uso e descarte destes contatos virtuais, os usuários destes sites podem de acordo com sua vontade selecionar e descartar pessoas de seus espaços virtuais sem que isso seja um problema. Podem estabelecer a mesma relação de consumo que mantém com os produtos comercializados, que quando perdem a função, geralmente social, são jogadas na lata de lixo e substituídas por produtos novos e atualizados, conforme analisa Bauman (2007).

As novas formas de tecnologia parecem facilitar o modo como as relações interpessoais são consolidadas na contemporaneidade, atuando como mecanismos que facilitam a constante atualização das relações e interpessoais. Poderíamos inclusive fazer uma aproximação do conceito de virtualidade de Pierre Lévy e as considerações de Zygmunt Bauman sobre modernidade líquida. Lévy define o virtual como a capacidade de atualização do real, um modo de resolver uma questão sem a necessidade concreta de modificação, portando não é a atualização, mas o potencial para isto. Bauman nos apresenta a dinâmica social da contemporaneidade, onde o objetivo é o constante movimento; a busca pelo novo e renovável. Isto, segundo Bauman, tem acontecido de forma generalizada em nossa cultura, desde a fluidez dos referenciais identitários até a instantaneidade das relações interpessoais. O virtual estaria, portanto potencializando o movimento constante e a fluidez, com que as relações se mantêm em sociedade, já que esta dimensão espaço temporal se adéqua a dinâmica da vida atual.

Os caminhos percorridos por esta pesquisa foram definidos pelo objetivo de explorar estas novas formas de subjetivação encontradas na internet, no que se refere às relações intra e intersubjetivas. Portanto, a pesquisa teve o intuito de investigar os elementos culturais disponíveis nos sites de relacionamento que contribuem para as construções identitárias das pessoas que utilizam tais espaços.

Os novos espaços de subjetivação encontrados nos e sites de relacionamentos produzem, uma gama de elementos culturais que possibilitam as pessoas constroem seus referenciais de pessoa, e interferem diretamente na forma como compreendem a si mesmas e as outras pessoas. Certamente, estes não são os únicos modos de se constituírem, a vida totalmente digital ainda parece estar longe de acontecer, se é que vai se tornar uma realidade, mas representa novos caminhos para a construção dos sujeitos e do modo como se relacionam em sociedade.

Desde a construção dos instrumentos de pesquisa, encontramos questões éticas e metodológicas importantes referentes ao uso dos espaços virtuais como fonte de dados para pesquisa. Para a resolução do problema foi empregada o uso da etnografia virtual, que é um dos instrumentos mais utilizados e fundamentados em pesquisas realizadas na internet, tendo se mostrado um rico instrumento de investigação.

Ao cruzamos as informações da etnografia virtual com as do grupo focal, verificamos o potencial destes instrumentos para a coleta de dados. Os dois instrumentos de pesquisa possibilitam análises amplas sobre o fenômeno, e em vários momentos as informações se convergiram ou apresentaram novos elementos, mas foram todas complementares ao estudo. Para além dos assuntos tratados nesta pesquisa, a própria utilização dos espaços virtuais como espaço ou objeto de pesquisa suscita reflexões renovadas e aprimoramento metodológico para futuras investigações.

Esta pesquisa foi apenas uma exploração de uma temática complexa e bastante discutível, que demanda atenção devido ao modo como o virtual tem ganhado espaço nos dias de hoje. Há uma recorrente necessidade de se investigar melhor o modo como estas tecnologias têm afetado a vida das pessoas. E é observável a carência de pesquisas em Psicologia referentes a esta temática. Uma das dificuldades encontradas para realização da pesquisa foi à falta de literatura sobre o assunto, a maioria das referências são de áreas como: sociologia, antropologia e marketing, que certamente possuem um altíssimo nível de qualidade, contudo com enfoque diferenciado.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BIRMAN, Joel. *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BIZERRIL, José. *O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa*. Universitas Ciências da Saúde. Brasília, 2, 2, 153-163, 2004.
- BRAGA, Adriana. *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica*. UNIrevista. 1, 3, 1-11, 2006.
- CARVALHO, Paulo Sergio de. *Interação entre humanos e computadores: Uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo-SP: Editora Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Redes*. 8. Ed. São Paulo-SP: Editora Paz e Terra, 2005.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FIGUEIREDO, Luíz C. M. & SANTI, Pedro L. R. *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da loucura: idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GONDIM, S. M. G. *Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos*. Paidéia. 12, 24, 149-161, 2003.
- GONZALEZ REY, F. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- HAÍDU, Peter. *Sujeito Medieval / Moderno: texto e governo na idade média*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 3. Ed. Campinas: Papirus, 2008.

LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RIOS, Isabel Cristina. *O amor nos tempos de narciso*. Comunicação Saúde Educação 12, 25, p.421-6, 2008.

SIBILIA, Paula. *O Show do eu: a intimidade com espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *Mente, Cérebro e Cognição*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

TELLES, André. *Orkut.com: Como você e sua empresa podem tirar proveito do maior site de relacionamento do Brasil*. São Paulo: Landscape, 2006.

TURKLE, Sherry. *O segundo eu: os computadores e o espírito humano*. Lisboa: Presença, 1989.

TURKLE, Sherry. *A Vida no Ecrã: A Identidade na Era da Internet*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz T. da.. (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p. 7-72.

Anexos